

EXISTO, LOGO

PENSO

APRESENTAÇÃO



QUERIDO EQUIPISTA,

Este ano Jesus pede muito de todos nós. Depois da enorme graça que foi ter as Jornadas Mundiais da Juventude em Portugal, o desafio de vivermos de forma autêntica o Evangelho torna-se ainda mais urgente e necessário. É esta a lógica do Evangelho: «Recebeste de graça, dai de graça» (Mt 10, 8). E não há dúvida que as Equipas querem e podem ser um instrumento de Deus para que a muitos mais chegue a enorme alegria que é seguir Cristo, por Maria.

Para isso, preparámos um Caderno de Temas muito especial, um guia que te vai orientar a ti e à tua Equipa na discussão e oração de temas muito importantes para a Igreja e para a sociedade do nosso tempo. Pedimos-te que enfrentes estes temas com seriedade e coração aberto, confiando que é também por meio deles que vais conhecendo Cristo e o Seu amor por toda a Humanidade ao longo deste ano. Sim, Jesus quer falar-te do Seu amor, quer falar-te dos problemas e inquietações daqueles que Ele ama. E quer que tu sejas, onde te encontres, mensageiro da Verdade.

Existo, logo penso é muito mais que um trocadilho pseudo-filosófico, é um pedido que te fazemos. Pensa na tua vida, em tudo o que te rodeia, e confronta-a cara-a-cara com Jesus. Verás que Ele te chama a uma *vida em abundância* (cf. Jo 10,10), que é muito mais que uma simples existência. Esperamos que este caderno te ajude nesse caminho.

Confiamos desde já todos os desafios, discussões e frutos que daqui resultem à nossa querida Mãe do Céu. Que Ela nos ajude a encontrar sempre em Cristo o sentido das nossas vidas.

PASSOS PARA UMA BOA REUNIÃO:

Sabemos que ao longo dos anos, as equipas têm tendência a definir o seu próprio esquema de reunião. Contudo, também sabemos que este nem sempre cumpre com objetivos definidos pelas EJNS... Perdendo-se a dedicação na preparação ou o compromisso na ação, facilmente se confunde o momento mais importante que o Movimento propõe com “mais um evento” marcado na agenda (quando marcado) e, assim se perde a essência daquele tesouro que Nossa Senhora nos entregou: A reunião de EJNS! Assim, aproveitando a exigência dos conteúdos deste caderno, vimos incentivar a exigência na sua utilização. Porque sim, é suposto usares este caderno (leres, escreveres, sublinhares, registar para mais tarde recordar).

Antes da reunião (nos anteriores dias, horas, ou mesmo minutos) deves procurar saber qual é o tema que vai ser apresentado e registar o que provoca em ti (dúvidas, histórias, pensamentos, etc). Também deves preparar a partilha que vais fazer (apoiando-te no esquema de balanço que está na parte final deste caderno) para que no final do ano possas avaliar melhor a tua evolução e o impacto que as EJNS tiveram nos diferentes campos da tua vida.

O compromisso na ação implica o compromisso individual e isso reflete-se nas nossas escolhas. Parte integrante do processo de crescimento passa por cumprir o que é estabelecido entre todos, nomeadamente, o horário do jantar. “Aquilo que é uma verdadeira Equipa nota-se aqui, quando todos se coordenam para ajudar a terminar o jantar a boas horas, arrumar a loiça e preparar o espaço para a **oração**, o momento que vai marcar o propósito pelo qual ali se reúnem.



É suposto que a oração mude radicalmente o ambiente. Deve haver um tempo de silêncio e concentração para que todos se possam colocar na presença de Deus, convidando a que vos ilumine.

Sair mais esclarecido e mais preparado para a vida cristã depende do estudo prévio do **tema**. Uma reunião pode ser uma noite que fortalece para os desafios das próximas 30 noites, ou pode ser uma noite superficial que no dia seguinte deixa apenas cansaço... depende de cada um, depende de ti! Por isso, diz sim aos serviços que te convidam a fazer! É suposto que cada tema seja enriquecido pela individualidade de cada membro. Não tentes fazer como os outros fizeram, cada qual tem direito a abordar um assunto de forma mais racional, sentimental, artística, silenciosa ou dinâmica. E nesta diversidade se constrói a Igreja.

Segue-se a **partilha**. Algo completamente único que se vive no nosso Movimento. Aqui é onde podes sentir a comunidade fraterna que te escuta e apoia em todas as circunstâncias. Deves ser verdadeiro e falar apenas daquilo que enche ou pesa no teu coração Não é suposto que seja um relatório mensal, mas uma oportunidade de dar voz ao que carregas dentro. Se não mexeres nesses assuntos profundos, como queres que Deus encontre espaço para habitá-los com a Sua luz? Arrisca, mostra-te, confia... Cada pessoa foi escolhida a dedo para estar ali contigo. Escuta também o que os outros dizem, pode ser que respondam às tuas inquietações.

Por fim, tendo em conta as necessidades abordadas pelos diferentes membros nas suas partilhas, escolhe-se um desafio para ser vivido até à próxima reunião: o **ponto de esforço**. Quão bonito é que um grupo de pessoas possa viver os próximos dias com a ambição de fazer algo que os santifique.



Não é suposto que seja uma obrigação a cumprir, mas algo que te fará dar um passo em frente, para cima, mais rumo para o Céu! Quando conseguires, manda uma mensagem/fotografia para o whatsapp. Não só estarás a manter ativo o grupo, como incentivas outros a fazerem o mesmo.

Depois da reunião deves sentir paz, agradecimento e ânimo! Voluntaria-te para as tarefas necessárias, atenta às atividades que o Movimento tem para oferecer (tantas!) e leva a equipa a participar contigo. Vive cada mês com mais segurança no assunto que debateste na última reunião e prepara-te para a próxima, que será igualmente gratificante. Dá o teu melhor, mas em primeiro lugar, dá-te. As EJNS são uma família que te quer genuinamente entregado, e as reuniões de Equipa são o lugar onde podes ser transformado. Aqui te apresentamos os temas que te vão acompanhar nesse processo:

- **SETEMBRO** - Penso na ciência com fé
- **OUTUBRO** - Penso no corpo como templo
- **NOVEMBRO** - Penso no celibato sacerdotal
- **DEZEMBRO** - Penso no papel da mulher na Igreja
- **JANEIRO** - Penso na verdadeira felicidade
- **FEVEREIRO** - Penso na beleza do amor cristão
- **MARÇO** - Penso na fertilidade responsável
- **ABRIL** - Penso no sentido do sofrimento
- **MAIO** - Penso nas outras religiões
- **JUNHO** - Penso no domínio da liberdade
- **JULHO** – Penso no balanço do ano 2023/2024

SETEMBRO

PENSO

NA CIÊNCIA
COM FÉ



REZA:

Senhor Jesus,
Que eu nunca viva sem nada saber de Ti
Ou satisfeito por um ligeiro entender sobre mim.
Dá-me, por isso, a coragem da honestidade,
O amor à verdade, a clareza da sabedoria,
Hoje e em cada dia.
Porque é neste tempo que conheço que És eterno,
E é nesta terra que aprendo o Céu.
Ámen.

PENSA:

Meu filho, se receberes as minhas palavras e guardares cuidadosamente os meus mandamentos, prestando o teu ouvido à sabedoria, e inclinando o teu coração ao entendimento; se invocares a inteligência e fizeres apelo ao entendimento, se a buscares como se procura a prata e a pesquisares como um tesouro escondido, então, compreenderás o temor do Senhor e chegarás ao conhecimento de Deus. Porque o Senhor é quem dá a sabedoria e da sua boca procedem o saber e o entendimento (Livro dos Provérbios 2, 1-7).

«Não ignoro que alguns, no campo da política e do pensamento, rejeitam decididamente a ideia de um Criador ou consideram-na irrelevante, chegando ao ponto de relegar para o reino do irracional a riqueza que as religiões possam oferecer para uma ecologia integral e o pleno desenvolvimento do género humano [...]. Todavia a ciência e a religião, que fornecem diferentes abordagens da realidade, podem entrar num diálogo intenso e frutuoso para ambas» (Papa Francisco, *Laudato Si'*, 62).



Equipistas! Tantas vezes ouvimos dizer que a Igreja se opõe ao conhecimento e ao progresso científico. Como tantas expressões genéricas, também esta ideia de haver um «conflito» entre fé e ciência é, na verdade, enganadora. Normalmente, seguindo o esquema do físico norte-americano Ian Barbour, diz-se que existem quatro formas de relacionar fé e ciência: conflito, independência, diálogo e integração. A ideia de «conflito» entre fé e ciência está fundamentalmente ultrapassada entre os principais historiadores da ciência atuais, mas infelizmente continua a ser propagada em muitos meios e, por vezes, até nas escolas.

Em primeiro lugar, o próprio conceito de «ciência» tem evoluído muito ao longo dos séculos e não há uma definição totalmente unânime do que signifique (ainda que normalmente nos faça pensar em grandes nomes como Isaac Newton ou Albert Einstein). Além disso, apesar de que as origens primitivas da ciência se possam encontrar na Antiguidade Clássica, com grandes filósofos como Aristóteles (primeiro grande sistematizador de um método científico), o seu desenvolvimento foi mais acentuado a partir do fim da Idade Média e Renascimento.

De facto, no século XIII, em plena Cristandade tiveram origem as Universidades! Se estás a estudar na universidade ou contas fazê-lo, podes dizer com propriedade que foram uma invenção da Igreja Católica! Anteriormente, havia centros de estudo dispersos, e houve, na Antiguidade, a Academia de Platão, o Liceu de Aristóteles e a famosa Biblioteca de Alexandria, entre outros. Mas é na Idade Média, com aprovação dos Papas, que começa a haver um sistema de ensino avançado e graus académicos certificados.



Havia a ideia de que o «Saber» devia ser algo unificado, ou seja, ao contrário da ideia de hoje de que cada um é apenas especialista numa área muito específica, havia o ideal de alcançar a «Sabedoria» que era um conhecimento harmonioso e unificado de todas as áreas (claro que isto hoje é virtualmente impossível, para um ser humano apenas, porque o conhecimento já se desenvolveu imensamente). As primeiras Universidades são Bolonha, Paris, Oxford, Pádua, Salamanca, Coimbra (originalmente estabelecida em Lisboa), etc. Eram grandes centros de investigação, onde já havia alguma mobilidade entre os académicos (nomeadamente os que pertencessem a ordens mendicantes, como franciscanos e dominicanos). A este respeito, surgiram grandes mentes como Santo Alberto Magno que eram, além de teólogos, estudiosos da natureza, e chamavam-se, por vezes, de «filósofos da natureza» (era este o termo usado antes do termo «cientista» que é muito recente e só aparece no século XIX). O maior discípulo de Santo Alberto Magno chamava-se São Tomás de Aquino que, não sendo um «filósofo da natureza», muito contribuiu para a harmonia entre fé e razão. Aliás Tomás de Aquino dizia que nunca poderia haver um real conflito entre fé e razão, ou se quisermos, entre fé e ciência. Porque o Deus que se revelou na Bíblia é o mesmo que criou todas as coisas e, por isso, também a natureza. Assim, se houver alguma tensão entre fé e ciência, o princípio tomista diz que ou a fé tem de ser mais aprofundada, ou a ciência tem de aprimorar as suas descobertas.

Claro que podes estar a pensar que isto ainda não é ciência como a entendemos hoje. Correto! Mas são as suas raízes. Já deves ter ouvido falar da chamada «Revolução Científica» entre os séculos XVI e XVII, com nomes como Nicolau Copérnico, Galileu Galilei, Johannes Kepler, Nicolau Steno e Isaac Newton. O que se calhar não te tinham dito é que, no seu tempo, ninguém os chamava «cientistas», mas sim «filósofos da natureza».



Pode-se dizer que é só uma questão de nomenclatura, mas, na verdade, reflete uma atitude muito diferente do que hoje se entende por ciência. Para estes filósofos da natureza, o universo, a humanidade e Deus estão inteiramente interligados! Eles diziam que Deus tinha «Dois Livros»: A Bíblia e a Natureza. Na Bíblia, Deus fala-nos da salvação e do porquê de existirmos (é mais existencial), e no «Livro» da Natureza, escrito em linguagem matemática e geométrica, pode-se entender como é que a natureza opera, quais as leis que a regulam, como explicar os fenómenos astronómicos, etc. Claro que houve algumas tensões, nomeadamente o famoso «caso Galileu» que João Paulo II veio pedir perdão séculos mais tarde. Em todo o caso, estes filósofos da natureza tinham uma visão de fé acerca do mundo.

Por exemplo, pode parecer surpreendente, mas Isaac Newton além de investir muito da sua vida a estudar matemática e física, passava muito tempo a ler a Bíblia. Na sua obra mais famosa, *Principia Mathematica*, onde estão presentes o que hoje chamamos de «Leis de Newton», ele diz: «Este belíssimo Sistema Solar, os seus planetas e cometas só podem ter procedido do desígnio e domínio de um Ser inteligente e poderoso [...] Ele é chamado de Senhor Deus Todo-Poderoso, ou o Soberano Universal» (Newton, *Principia Mathematica*, pg. 504).

Além disso, se calhar não te tinham dito que um dos maiores pioneiros da «Anatomia» e fundador da «Geologia» moderna era um Bispo católico e santo, chamado São Nicolau Steno! Ou que, no século XIX, o «Pai» da «Genética» foi um padre e monge, de nome Gregor Mendel (daí as leis mendelianas da Genética)! Ou ainda que, já em pleno século XX, o «Pai» da famosa «teoria do Big Bang» foi um padre católico, o Padre Georges Lemâitre!



Ainda hoje há muitos cientistas que são crentes e dão enormes contributos para a ciência! Os Papas recentes têm estimulado muito o diálogo entre fé, razão e ciência! Por exemplo, João Paulo II dizia: *«A fé e a razão (fides et ratio) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio [...]»* (João Paulo II, *Fides et Ratio*, Introdução).

Mesmo a teoria da evolução de Charles Darwin já foi comentada por Papas recentes como João Paulo II, Bento XVI e até o Papa Francisco e estes dizem não ser incompatível com a nossa fé. A Bíblia, em particular o livro do Génesis, usa uma linguagem religiosa para descrever as origens da realidade, onde prevalece a ideia de uma ligação profunda da humanidade com Deus que é o nosso criador, e, por isso, dá-nos o sentido último da nossa vida. A ciência usa uma linguagem técnica e procura explicar de que modo se deu o processo das nossas origens de um ponto de vista físico, químico, biológico, psicológico, sociológico. A fé e a ciência têm linguagens complementares e não precisam de estar em conflito. Não é a física ou a química que nos vão explicar inteiramente o sentido último da vida (ainda que as suas descobertas possam ser importantes para refletir no sentido da vida), nem é a Bíblia que nos vai explicar qual a composição química do ser humano (ainda que as intuições bíblicas sobre o ser humano nos desvelem elementos importantes para a psicologia e antropologia). Como diz o Papa Francisco: é necessária uma *«[...] abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contacto com a essência do ser humano»* (Papa Francisco, *Laudato Si'*, 11).



Em suma, Fé e Ciência podem e devem dialogar harmonicamente! E é importante que o façam para que possamos ter um mapa cada vez mais completo do que é ser-se humano, em sentido integral. Por isso, o Papa Francisco tem insistido muito na ideia de uma «Ecologia Integral» em que os conhecimentos teológicos e científicos se conjugam para nos dar uma visão mais unificada do universo e do sentido da vida humana neste cosmos.

APROFUNDA:

- Francisco, Carta Encíclica Laudato Si'
- João Paulo II, Carta Encíclica Fides et Ratio
- Esteves, Tiago, Teologia e Ciência em Diálogo, Católica Editora.

QUESTIONA:

- Reconheço que Deus é criador de todas as coisas, e que, por isso, a fé e a ciência, cada uma a seu modo, toca realidades que brotam da mão de Deus?
- Dou graças a Deus por me dar o dom da fé e da inteligência e peço-lhe que aumente a minha fé e me estimule a saber mais sobre a natureza enquanto criação de Deus?
- Procuo saber mais sobre a minha fé para estar preparado para tantas questões que me colocam acerca da fé e da Igreja?
- Respeito o mundo em que vivo na consciência de que é obra de Deus e que sou convidado a viver uma «ecologia integral» onde o cuidado do ser humano, que é feito à imagem de Deus, está ao centro, mas não me esqueço de cuidar também do meio ambiente que é criado por Deus?

OUTUBRO

PENSO

NO CORPO
COMO TEMPLO



REZA:

Senhor,
Ajuda-me a aceitar e a receber o corpo humano,
Como um dom da Tua bondade.
Concede-me a graça de resistir às muitas mentiras,
Que distorcem este dom divino,
E ajuda-me a vivê-lo
De acordo com a verdade do amor que se dá a si mesmo.
Concede-me pureza de coração para que eu possa ver,
A imagem da Tua glória na beleza dos outros
E, um dia, ver-Te face a face no Céu.
Ámen.

PENSA:

No ano de 1968, enquanto o mundo esperava ansiosamente a aprovação por parte da Igreja do recurso dos fiéis a métodos contraceptivos, a Encíclica *Humanae Vitae* do Papa São Paulo VI caiu que nem uma bomba, reafirmando a doutrina inalterável da Igreja, a saber, a impossibilidade de se dissociar os dois significados do acto conjugal: o significado unitivo e o significado procriador. No entanto, para o mundo moderno que se esqueceu de quem é o Homem, esta resposta não basta: é necessário ir mais além e oferecer uma visão global da antropologia cristã.

São Paulo VI sabia-o e, por isso mesmo, na referida encíclica, encorajava os homens de ciência a “dar um contributo grande para o bem do matrimônio e da família e para a paz das consciências”, esforçando-se “por esclarecer mais profundamente, com estudos convergentes, as diversas condições favoráveis a uma honesta regulação da procriação humana”.



Se é certo que na origem da procriação humana está o amor conjugal e, por isso, a relação do Homem com o seu corpo, então podemos assumir que a Teologia do Corpo foi o contributo do Papa São João Paulo II.

O que é a Teologia do Corpo?

A Teologia do Corpo é, na prática, um conjunto de catequeses dadas pelo Papa São João Paulo II ao longo de 129 quartas-feiras durante mais de cinco anos, entre 5 de Setembro de 1979 e 28 de Novembro de 1984. Em termos de grandeza, nunca um Papa expôs uma doutrina tão extensa como esta (cerca de 600 páginas na edição Portuguesa). Nessas catequeses, o Papa procurou dar respostas a diversas questões centrais para o Homem, de natureza teológica e antropológica, tais como: qual o significado de *sermos* (e não de *termos*) um corpo? De que forma somos chamados a ser um dom para o outro através do nosso corpo? Qual o é o plano de Deus para o nosso corpo na eternidade?

A chave de leitura para responder a estas perguntas prende-se com os mistérios da Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. Efectivamente, naquele momento histórico determinante da Encarnação, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade assumiu um corpo humano, pelo qual, através da sua Morte e Ressurreição redimiu o género humano ao oferecer-se a Si mesmo até à morte. Esse oferecimento livre, total, fiel e fecundo de Cristo pela Igreja sua Esposa tornou-se modelo para cada homem e cada mulher. Se nas primeiras páginas da Bíblia aprendemos que cada um de nós é criado à imagem e semelhança de Deus, Cristo revela-nos que isso significa que somos chamados à comunhão: o homem e a mulher na doação recíproca no casamento; os consagrados na doação total pela Igreja.



Ora, daqui se infere que para o católico, o corpo não é desprezível, mas somos de facto chamados a fazer dele uma expressão do dom de si mesmo, de acordo com a nossa condição de vida, tendo o Papa sintetizado essa realidade com uma belíssima expressão: o significado esponsal do corpo humano, isto é, o significado do nosso corpo é ser chamado à comunhão. Sim, também nos nossos corpos, somos chamados a ser um dom para o outro tal como Jesus o É para nós.

Isto significa ainda que o corpo, ao ser uma realidade redimida por Deus, pode ser também um meio de aproximação ao próprio Deus. É a partir do entendimento do corpo como uma realidade, também ela, redimida, que o Papa São João Paulo II propõe uma visão antropológica do cristianismo.

Não se trata, no entanto, de um exercício ingénuo: o Papa conhece bem as forças que puxam o homem para o pecado, conhece bem os efeitos da revolução sexual e da sociedade hedonista em que vivemos. São João Paulo II ensina a Teologia do Corpo consciente de que no coração de cada homem e de cada mulher se joga a luta entre o bem e o mal. No entanto, é precisamente o poder redentor de Cristo que permite ao Homem voltar a olhar para cima, aperceber-se de que o seu corpo é “templo do Espírito Santo” e corresponder à exigência de Nosso Senhor: “Glorificai a Deus no vosso corpo” (I Cor 6,20).

A Teologia do Corpo é, assim, uma lufada de ar fresco num mundo que nos diz que estamos condenados a ser escravos das nossas paixões, porque afinal, o corpo é capaz de Deus, e a nossa salvação também passa pela forma como, pelo corpo, cada um faz de si mesmo um dom para o próximo.

Uma Síntese da Teologia do Corpo

Para empreender esta grande tarefa, São João Paulo II baseou-se em algumas passagens da Sagrada Escritura, que sintetizamos de seguida e que podem servir como estrutura da reunião de equipa:

I. “No princípio não foi assim” (Mt 19, 8)

A originalidade desta “Teologia do Corpo”, termo que o Papa usou logo desde 12 de Setembro de 1979, prende-se com o facto de o ponto de partida ser a nossa própria experiência com o nosso corpo, que é uma experiência ferida: todos sabemos que, em maior ou menor grau, temos inclinações que nos afastam de Deus porque nos centram em nós próprios. E para isso temos de voltar a contemplar “o princípio”.

É o que faz Jesus quando os fariseus O interrogam acerca da possibilidade de um marido se divorciar da sua mulher: refere-se ao início dos tempos, citando o Livro do Génesis, recordando que o homem e a mulher unidos em casamento tornam-se uma só carne. Com isto, Jesus explica que, se queremos realmente compreender o sentido do casamento, e por isso, o sentido da união dos corpos, temos de nos referir ao início de tudo, antes do pecado ter entrado na história do Homem, antes de termos deixado endurecer o nosso coração. Isto é particularmente relevante porque nos revela o plano original de Deus para nós que somos a união de uma alma e de um corpo. No início, Deus queria que o corpo fosse também expressão de amor, de comunhão, de bondade e de beleza: foi o pecado que distorceu a nossa percepção do corpo, precisamente porque o pecado original foi um pecado de soberba, ou seja, do homem que se faz Deus. O método pedagógico do Papa passa, por isso, por reconhecermos que Deus tem, desde o início, um plano maior para nós.



2. “Todo aquele que olhar para uma mulher, cobiçando-a, já cometeu com ela adultério no seu coração” (Mt 5, 28)

Com esta passagem o Papa São João Paulo II recorda que, à luz da fé no plano original da criação de Deus, não podemos verdadeiramente separar o que fazemos com o nosso corpo com aquilo que alimentamos a nossa alma.

Como já foi referido, existe uma unidade profunda do nosso ser, pelo que aquilo que se faz com o corpo não pode ser separado daquilo que voluntariamente pensamos, sentimos ou exprimimos. Quer isto dizer que o corpo pode de facto mentir, se estiver a trair a verdade da relação que se tem com o próximo.

Por exemplo, se com o corpo dermos um abraço a uma pessoa a quem voluntariamente desejamos mal, o nosso corpo estará a mentir. Também duas pessoas que, fora de uma relação matrimonial e por isso necessariamente fora de uma relação simultaneamente livre, total, fiel e fecunda, se unirem na intimidade dos seus corpos, também estarão a mentir pois o corpo diz: “sou todo teu”, mas a alma diz “nada garante que seja todo teu”.

Isto é fundamental na Teologia do Corpo porque Deus quer que o homem regresse a uma perfeita harmonia entre o corpo e da alma, a qual foi ferida pelo pecado, conforme vimos. É precisamente o mistério da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo que tornou possível recebermos a graça para vivermos de acordo com esse grande ideal.

3. “Na ressurreição, nem os homens terão mulheres, nem as mulheres maridos, mas serão como anjos de Deus no Céu” (Mt 22, 20)

Mas quererá Deus apenas que regressemos ao estado de inocência original? Ou há algo mais? Na Teologia do Corpo também somos orientados para o fim dos tempos: qual o plano de Deus para nós – e conseqüentemente para o nosso corpo – na eternidade?

Aqui é fundamental perceber que a forma como vivemos e dispomos o nosso corpo tem impacto na eternidade. Como diz São Paulo: “Semeia-se na corrupção e ressuscita-se na incorrupção. Semeia-se na ignominia e ressuscita-se na glória. Semeia-se na fraqueza, ressuscita-se na força. Semeia-se corpo natural e ressuscita-se corpo espiritual” (1Cor 15, 42-44). Ou seja, queremos viver santamente também com o nosso corpo para podermos viver a eternidade santa que Deus preparou para nós.

A passagem escolhida pelo Papa sobre sermos anjos no Céu é sempre um tema que incomoda sobretudo quem é casado, porque não conseguimos conceber como é que, no Céu, a nossa mulher ou marido se tornam “apenas mais um”. Mas não se trata disso. O que o Papa torna claro é que a nossa vocação última é a união total com Deus no Céu – podemos dizer até a união íntima e esponsal da nossa alma com Deus – e o casamento na terra é como que o estágio. De facto, verificamos que os casamentos católicos mais marcantes são aqueles em que um amor recíproco se reflete, também, num amor a Deus cada vez maior e mais intenso.



Por isso é que é tão relevante o facto de haver na Igreja duas grandes vocações complementares e que se ajudam uma à outra: aqueles que (tal como os eunucos de que Jesus fala em Mt 19, 12) se consagram à Igreja por amor do Reino dos Céus são um sinal da nossa vocação última; os casados são sinal de como é que Deus ama, ou seja, numa comunhão de Pessoas que gera vida fruto. E em tudo isto é determinante fazer do corpo não um objeto de prazer, mas um dom.

4. “É grande este mistério: eu o entendo em relação a Cristo e à Igreja!” (Ef 5, 32)

Por fim, propõe-se uma meditação acerca do plano de Deus para o casamento. Não nos podemos esquecer que o casamento foi o primeiro dos sacramentos, antes de qualquer outro. De facto, é curioso observar que toda a Bíblia fala de casamentos: o do Génesis entre os nossos primeiros pais; o do Deus de Israel com o seu povo; Jesus que é apresentado como sendo o Esposo e que faz o seu primeiro milagre num casamento em Caná; e o do Apocalipse, em que se dá o casamento celeste entre Cristo Esposo e a Igreja Esposa.

Precisamente por este último grande casamento é que São Paulo, ao referir-se (também ele!) ao princípio, afirma na carta aos Efésios que o casamento e, concretamente, a união dos corpos é um grande mistério.

Se formos até às últimas consequências desta afirmação, veremos que na união dos corpos vivida de acordo com o plano de Deus, o marido e a mulher deveriam ser imagem da doação total de Cristo que se dá pela sua Esposa, a Igreja, que O recebe e dá fruto.



É neste patamar que a Igreja coloca a união íntima entre um homem uma mulher, e é também por causa disso que a Igreja defende que a união conjugal – entenda-se, sexual – apenas pode ocorrer numa relação de compromisso livre, total, fiel e fecundo: ou seja, aquilo que todos aceitamos dever ser um casamento. Por isso também é que apenas pode ocorrer entre um homem e uma mulher, porque apenas na complementaridade de ambos os corpos sexuados é que se dá a verdadeira comunhão querida por Deus desde o início, de tal maneira que é capaz de gerar uma nova vida.

Quando nos apercebemos da grandeza do plano de Deus para o amor humano, damos mais valor à forma como olhamos para o nosso corpo e por isso ganhamos consciência de que também ele deve ser imagem e semelhança de Deus (quão bem o perceberam os santos, como por exemplo S^a Madre Teresa, que fez do corpo uma oblação pelos pobres, ou São João Paulo II, entregando a debilidade da sua doença a Deus).

Resumir em poucas páginas a Teologia do Corpo é sempre um exercício ingrato pelo que o convite aqui é o de continuar a estudar. Se nos fiarmos nas palavras do biógrafo oficial de São João Paulo II, George Weigel, a Teologia do Corpo é “uma espécie de bomba-relógio teológica, pronta a ser espoletada, acarretando consequências dramáticas, algures no terceiro milénio da Igreja”. Por “dramáticas”, ele referia-se à necessidade de se “exorcizar o demónio maniqueu” que sempre insiste na falsa dicotomia “espírito bom/corpo mau”, e que por vezes vigorou na Igreja. Mas não: o corpo é, na sua origem, bom e Deus quer que na eternidade ele seja divino; o pecado do homem é que desvirtua a forma como dispomos do nosso corpo; mas a redenção de Cristo torna-nos capazes de amar como Deus ama, também no nosso corpo.



Aceitem este convite e entrem na redescoberta do Plano de Deus para cada um de vós, e dos vossos corpos, os quais são chamados à comunhão, não esquecendo nunca que “fostes comprados por alto preço” (1 Cor 6, 20).

APROFUNDA:

- Teologia do Corpo, João Paulo II (Alêtheia Editores)
- Teologia do Corpo para Principiantes, Christopher West (Paulinas Editora)
- A Sexualidade Segundo João Paulo II, Yves Semen (Principia)

QUESTIONA:

- A visão cristã do corpo faz sentido nas relações que vou tendo na minha vida? Há algo que me custe a compreender?
- Reconheço em mim e nos outros o valor divino do corpo humano? Tenho consciência que o próprio Deus decidiu encarnar?

REGISTA:

NOVEMBRO

PENSO

**NO CELIBATO
SACERDOTAL**



REZA:

Senhor Jesus,
Agradecemos-Te o dom do sacerdócio.
Através dos padres, experimentamos a Tua presença nos Sacramentos.
Ajuda os nossos padres a serem fortes na sua vocação.
Incendiai as suas almas com amor pelo vosso povo.
Concede-lhes a sabedoria, a compreensão e a força
Que necessitam para seguir os Teus passos.
Inspira-os com a visão do Teu Reino.
Dá-lhes as palavras de que precisam para anunciar o Evangelho.
Permite-lhes sentir a alegria do seu ministério.
Ajuda-os a tornarem-se instrumentos da Tua graça divina.
Pedimos-Te isto, Senhor Jesus,
Porque vives e reinas como nosso Sumo e Eterno Sacerdote.
Amém.

PENSA:

O celibato dos padres: dom ou fardo?

A discussão sobre o celibato dos padres é um daqueles que regressa ciclicamente à vida da Igreja. É um tema importante, e que não vai desaparecer tão depressa, por isso, antes de mais convém saber alguns factos essenciais sobre o assunto.

A ordenação de homens casados é possível. Para alguns, estas palavras já chocam. Chama-se a isso ser, literalmente, mais papista que o Papa. A verdade é que já existem milhares de padres católicos, legitimamente casados.



Para entender isto é preciso primeiro compreender que a Igreja Católica é uma comunhão composta por várias igrejas autónomas – o termo latino é “sui iuris”, isto é, de direito próprio. Normalmente são conhecidas como as Igrejas Orientais. São 22, no total, que juntamente com a Igreja Latina, que é a maioritária no mundo, e dominante na Europa ocidental, incluindo em Portugal, formam a Igreja Católica. Cada uma dessas igrejas orientais tem as suas próprias tradições litúrgicas, teológicas, espirituais e disciplinares, mas todas estão em comunhão com o Papa. Várias destas igrejas mantêm a antiga tradição de ordenar homens casados. Esses padres são, por isso, legitimamente casados e legitimamente padres católicos. Logo, existem milhares de padres católicos casados. Mesmo dentro da Igreja Latina existem alguns casos de homens que eram padres de outras igrejas não católicas e que pedem para entrar para a Igreja Católica. A Igreja aceita-os e ordena-os padres católicos sem exigir que se separem das suas mulheres. Há centenas de casos, embora sobretudo nos países de língua inglesa.

É importante que fique claro, por isso, que não se pode colocar a questão em termos de “é ou não é possível ordenar homens casados?”, porque a resposta a essa pergunta já existe. E isso implica desde logo compreender que o celibato dos padres não é uma questão doutrinal – pois se fosse não poderia mudar-se nem variar de tradição para tradição – mas sim uma questão de disciplina, que pode por isso ser alterada. O que se pode eventualmente questionar é se a nossa Igreja em particular, a Igreja Latina, que abraçou o celibato obrigatório dos padres há cerca de mil anos, deve ou não voltar a permitir a ordenação de homens casados.



Essa mudança aplicar-se-ia apenas ao clero secular, isto é, os padres diocesanos, uma vez que para os padres das ordens religiosas, herdeiros da tradição monástica, o celibato não é apenas uma disciplina, mas é mesmo constitutivo da sua forma de viver a vocação. Mas antes de chegar a isso, vamos esclarecer mais uns conceitos.

Então a Igreja Latina “inventou” o celibato há mil anos?

Não. O celibato, enquanto cumprimento de uma vocação de serviço pleno a Deus é algo tão ou mais velho que a própria igreja, e que não se restringe ao sacerdócio, pois há muitos consagrados e até pessoas leigas comuns que optam por esta vida. Sabemos que alguns dos apóstolos eram casados, mas também é possível que alguns não fossem. Há quem defenda que mais tarde todos os apóstolos casados deixaram as suas mulheres, tornando-se celibatários, mas não há qualquer prova de que isso seja verdade, nem isso é importante. A questão é que desde os primeiros séculos da Igreja que alguns cristãos compreenderam que através de uma vida celibatária podiam servir melhor a construção do Reino. Esta prática gerou as primeiras comunidades monásticas. Durante muito tempo os monges, incluindo os que eram ordenados padres, eram celibatários, enquanto a maioria dos padres seculares eram casados. Desde muito cedo, porém, que os bispos eram escolhidos de entre os celibatários. Ambas estas práticas mantêm-se nas igrejas que ainda têm padres casados.

O que a Igreja Latina fez foi juntar estas duas vertentes da vocação numa só, impondo o celibato também aos padres seculares. Foi um processo gradual que se fez em parte por razões de teor prático, mas também por razões teológicas, nomeadamente o facto de Cristo não ter casado e o celibatário poder, por isso, representar melhor essa função de “outro Cristo” que se exige a um padre.

Como é que funciona o sacerdócio casado?

Muitas vezes, nestas discussões, ouvimos perguntar como é que uma eventual mudança funcionaria na prática. Como é que o padre teria tempo para cuidar da família? Como é que sustentaria mulher e filhos? Mais uma vez, são perguntas que ignoram que essa é uma realidade que já existe, e com maior ou menor dificuldade, as coisas vão funcionando. Como é evidente, um padre casado não pode desempenhar o mesmo papel na sua comunidade que um padre celibatário, estando naturalmente limitado pela sua realidade familiar. Em contraposição, pode-se dizer que ele terá uma experiência familiar e conjugal que poderá beneficiar outros aspectos do seu ministério. Felizmente, porém, não é um concurso! Se, eventualmente, a Igreja Latina mudasse a sua disciplina e passasse a permitir a ordenação de homens casados, isso não implicaria abandonar o sacerdócio celibatário, muito menos obrigar os actuais padres celibatários a casar. Aliás, mesmo nas igrejas em que existem padres casados, o casamento antecede sempre a ordenação, e mesmo em caso de viuvez, não se permite novo casamento. Ou seja, nesse cenário "os padres nunca podem casar, embora os casados possam ser ordenados".

Há aqui um factor interessante em jogo, que tem a ver com a natureza da vocação. Nós estamos habituados a uma ideia de vocação que corresponde a um chamamento de Deus, que leva a pessoa a ser colocada de parte e formada especialmente para desempenhar um papel sacerdotal no meio da comunidade para onde é enviado. Mas em muitos países e culturas onde existe sacerdócio casado a coisa funciona ao contrário. É a comunidade que elege um homem de virtude e maturidade comprovada para que desempenhe esse papel.

Porquê o celibato, então?

Se é possível ordenar homens casados, qual é a lógica do celibato? É indiscutível que um celibatário tem mais tempo e disponibilidade para se dedicar ao seu trabalho. Isto aplica-se tanto a um padre como a um médico. Contudo, o argumento da disponibilidade falha o ponto essencial. O ponto essencial, numa discussão destas, tem de ser o amor. O padre é chamado a amar o seu rebanho, ao ponto de dar a vida por ele. O celibatário não é o solitário. O celibatário não é o utilitário. O celibatário é o que casou com Deus e com todos. E a todos se submete, e serve a todos com o coração. Poucas coisas aumentam a nossa capacidade de amar mais do que a paternidade e a maternidade. Mas esse amor, sendo magnífico e altruísta, não deixa de ser exclusivo. Um pai – seja de um, três ou seis – ama sempre os seus filhos de uma maneira diferente do que ama as outras pessoas na sua vida. Um padre celibatário, se viver como deve ser a sua vocação, esforçar-se-á por amar todos com o mesmo amor com que um pai ama um filho. Esse amor, verdadeiramente santo, é muito difícil – diria humanamente impossível – sem o celibato. Já repararam que a discussão do celibato se põe sempre ao nível dos padres, e nunca ao nível das freiras? Com elas compreendemos intuitivamente que o desprendimento que vem de não ter uma família é o que permite a doação total de si em serviço aos outros. Com os padres celibatários pode e deve ser assim também.

Um outro ponto positivo do celibato é o exemplo contracultura que representa num tempo em que tudo gira em torno do sexo. Compreender que a escolha do celibato pode ser libertadora para uma vida de amor diferente, mas tão ou mais intenso, é algo que faz muita falta ao mundo.

Então, a Igreja deve mudar a disciplina do celibato ou não?

Agora que já obtivemos uma visão mais ampla da realidade e dos factos, podemos com outra propriedade e conhecimento discutir esta questão concreta. Não esperem aqui uma resposta... A ideia é mesmo vocês falarem sobre o assunto. Mas mais importante é perceberem que a discussão é legítima e ninguém pode ser acusado de ser mau católico por sugerir que se possa ordenar homens casados.

Um dos problemas, infelizmente, é que a questão da ordenação de homens casados, que é legítima, tem-se tornado uma bandeira de uma facção da Igreja que reivindica muitas outras mudanças, algumas das quais contrariam mesmo a doutrina. Mas devemos ser capazes de separar as águas e discutir cada coisa pelos seus méritos e não pelo carácter ou as intenções das pessoas que a defendem.

Outro vício é o facto de a ordenação de homens casados ser muitas vezes apresentado como uma solução para o problema da falta de padres. Em primeiro lugar, é discutível que assim seja, pois em várias igrejas onde a prática existe também há falta de candidatos ao sacerdócio, mas mais do que isso, é errado falar de um tema desta importância como um mero tapa-buracos. Ou acreditamos que seria bom para a Igreja deixar alguns homens casados servir como padres, ou não acreditamos. Deixemos os problemas da falta de sacerdotes nas mãos do único que os pode resolver e lembremo-nos que a Igreja não precisa necessariamente de mais padres, mas de bons padres.



A Igreja poderá concluir, depois de profunda reflexão e oração, que deve permitir a ordenação de homens casados. A forma como isto funcionaria ficaria por determinar, mas provavelmente seguiria o modelo do diaconado permanente, que já existe, em que são as comunidades – através do pároco – a propor ao bispo um candidato. Mas também pode perfeitamente concluir, depois de reflexão e oração, que o actual modelo continua a servir adequadamente a Igreja, e não proceder a uma inovação que seria sempre uma mudança radical a uma tradição com mais de mil anos e que tem dado muitos frutos.

O importante é que a decisão – tal como os motivos que informam as nossas próprias opiniões – esteja sempre centrada numa verdadeira escuta do Espírito Santo e do bem maior para a Igreja, e não numa agenda pessoal de querer impor soluções à Igreja, ou de manter a todo o custo sistemas enraizados.

APROFUNDA:

→ Amors Laetitia – 158 – 161

→ Cardeal Robert Sarah e Papa Bento XVI, *Do fundo dos nossos corações* (Lucerna, 2020)

QUESTIONA:

- Como entendes a vocação? Como um chamamento divino, do estilo de São Paulo? A ideia de um candidato apresentado pela comunidade faz sentido para ti? Haverá só uma forma de vocação?
- O ministério de um padre casado é necessariamente diferente da de um padre celibatário. Isso implica que um seja superior, ou mais perfeito que o outro?

- 
- Num mundo que acha que as pessoas só podem ser felizes se puderem viver a sua sexualidade sem restrições, que papel pode ter o exemplo de uma vivência celibatária generosa e feliz?
 - Um padre casado e com filhos teria necessariamente uma melhor compreensão das dinâmicas e dos problemas familiares do que um padre celibatário que acompanha muitas famílias?
 - O mundo parece clamar por uma mudança desta disciplina. Como é que se distingue entre escutar o mundo, como somos chamados a fazer, e ceder à mundanidade, como não devemos fazer?
 - Conheces algum padre/religiosa que seja para ti um exemplo de uma forma próxima e livre de amar? O que tens aprendido com ele/ela?

REGISTA:

DEZEMBRO

PENSO

**NO PAPEL DA MULHER
NA IGREJA**



REZA:

Senhor Jesus,
Derrama os teus dons sobre a Tua Igreja,
Fortalece-a na sua missão de proclamar o Evangelho,
De ensinar a Verdade e de servir o mundo.
Concede a todos nós, homens e mulheres,
A sabedoria e discernimento,
Para servir a Tua Igreja com humildade e amor,
Reconhecendo a dignidade de cada um,
E a maravilha da diferença de dons que trazemos.
Maria, Mãe da Igreja, intercede por nós.
Amém.

PENSA:

A importância central das mulheres na Igreja

Quem acha que o papel da mulher na Igreja é um papel de secundário, e que a esta a Igreja entrega um papel de discrição, pouca visibilidade e sem brilho não pode estar mais enganado.

As mulheres assumem o protagonismo em vários momentos decisivos da história da Igreja. Quando os homens se escapam, quando são cobardes, elas são valentes e audazes. Ao pé da Cruz, quando os homens fugiram com medo, permaneceram as mulheres. Após a morte de Cristo, quando os homens estavam em casa desalentados e sem esperança, foram as mulheres que foram ao túmulo e que voltaram para anunciar a Ressurreição. Quando Jesus diz, nas Bodas de Caná, que anda não era o seu tempo, é uma mulher, a Sua Mãe, que cheia de determinação e persistência se lança: “Façam tudo o que Ele disser”.



Foi precisamente o “Sim” da Mãe de Jesus que tornou toda a história de salvação possível - e o que teria sido da Igreja, da humanidade e de cada um de nós sem esse “Sim”, o “Sim” de uma só mulher.

Mais tarde, ao longo da história da Igreja as mulheres desempenharam funções importantes de diversos tipos: Santa Blandina deu um testemunho notável da existência do Reino e da vida eterna juntamente inumeráveis mártires femininas; Santa Joana D’Arc, que fez frente ao Rei e libertou a França; Santa Catarina de Sena, que sendo alfabeta não desistiu de chamar o Papa à razão, recordando-o dos seus deveres, e lutar pela unidade da Igreja; Santa Teresa D’Ávila, reformadora do Carmelo e doutora da Igreja; Santa Teresinha do Menino Jesus, padroeira das missões, “a maior santa dos tempos modernos”, segundo Pio X; a Santa Teresa de Calcutá, que com a sua vida deu testemunho de quão grande é o amor de Deus pelos últimos dos últimos... Estes são apenas poucos (muito poucos) exemplos para demonstrar todo o contributo da mulher ao longo da história da Igreja, desde o seu começo até aos dias de hoje.

O que é que o feminino acrescenta?

A mulher está destinada a levar a família, a sociedade e Igreja para a frente com os dons e apetências que lhe são característicos. Na mulher expressa-se de forma especial as disposições de escuta, acolhimento, humildade, fidelidade, louvor, generosidade, intuição, engenho, tenacidade. Embora estas sejam atitudes que deveriam ser de todos os batizados, vemos como é espontâneo da mulher vivê-las com especial intensidade e naturalidade. Na imagem da Virgem Maria vemos também com maior expressão estes aspetos.



Neste contexto, é apropriado desconstruir-se o estereótipo de que se espera que as mulheres tenham de ser todas iguais: discretas, pacatas, fracas. Pelo contrário! Também a mulher contribui para a Igreja com a sua valentia, audácia e apetência para ideais grandes! Aliás, as santas anteriormente mencionadas são testemunhas disso mesmo. Temos Santa Teresa do Menino Jesus bastante delicada e sensível, e Santa Teresa de Ávila que é um autêntico furacão! O interessante aqui é notar que até na forma como uma mulher contribui com a sua valentia, por exemplo, não é igual à do homem, e é essa diversidade e complementaridade que traz riqueza à história da Igreja. Assim, antes de mais nada, é importante considerar que masculino e feminino não são polos opostos em tensão, mas elementos que se complementam e enriquecem mutuamente - também na Igreja é assim!

A Igreja em si é feminina.

Perceber a Igreja é perceber o papel estrutural do feminino. Desde o princípio a Igreja tem vocação de mãe, tem como missão concretizar essa maternidade, ou seja, gerar os filhos de Deus. É por este motivo que se chama à Igreja “esposa de Cristo”. Por isso, a Igreja é essencialmente feminina, sendo esposa e mãe. Ao abrir-se ao Espírito Santo principalmente através dos Sacramentos tem o dom de fazer “nascer e renascer” filhos de Deus. E além de os gerar, também cabe à Igreja educá-los, nutri-los e acompanhá-los em toda a sua vida. Por isso conseguimos perceber o motivo pela qual a Igreja é feminina em essência. Perceber isto é fundamental para entender o papel da mulher que é central e intrínseco à Igreja, está na sua raiz e o que lhe é de mais essencial.



Contudo, por só vermos homens na sua hierarquia podemos cair numa visão puramente material e mundana (da Igreja), correndo o risco de faltar à sua mais profunda verdade: de que a Igreja é feminina, é esposa e é mãe. E por esse motivo, todas as mulheres devem sentir-se protagonistas e muitíssimo bem representadas na Igreja.

Esta realidade é uma ótima forma de voltarmos a rever a ideia de que a Igreja, enquanto realidade natural e sobrenatural, é muito, muito mais do que os olhos vêem. Contudo, estes não são dois polos em tensão (natural e sobrenatural), mas antes que se equilibram. Não são duas realidades opostas, mas são dois rostos concretos que se querem, servem e necessitam-se mutuamente. O mundo tenta arrancar a componente sobrenatural da Igreja para que seja algo meramente material, sem alma - sem Cristo. Ao negar a sua parcela espiritual, a Igreja reduzir-se-ia a uma estrutura de poder, que é precisamente o que a Igreja é para aqueles que não têm Fé. E por esse motivo quando à nossa volta acharem que a mulher tem pouca importância na Igreja há que ajudar os outros a perceber que estão a ter uma visão material da Igreja. Apenas estão a considerar a componente visível da Igreja, que são os “cargos”. Se incluirmos a componente espiritual, alma e missão da Igreja, vemos como a Igreja é na sua essência esposa e mãe. Uma mãe que sempre olha e cuida dos seus filhos. Ou seja, a Igreja é feminina.

Participação feminina na vida da Igreja

Agora que já percebemos que a mulher tem um papel central na Igreja, e percebemos que esta é antes de mais nada feminina, podemos avançar para outra questão: fará sentido a participação da mulher no ministério sacerdotal?



Sempre que este tema surge, o ponto crucial a ter em conta não é a distribuição de funções sociais, mas o significado do sacramento da Ordem. O sacerdote não é um animador da comunidade, mas o representante de Cristo, Esposo da Igreja. Atua *in persona Christi*. É Cristo quem atua através dele.

Falando do casamento cristão, Paulo vê nele uma imagem da relação entre Cristo e a Igreja. Dirigindo-se aos homens, o Apóstolo pede-lhes: “amai as vossas mulheres como Cristo amou a Igreja”. Depois de recordar a palavra do Génesis sobre o casal humano, Paulo conclui: “grande mistério é este, digo-o a respeito de Cristo e da Igreja (Efésios 5, 25-32). É por este mesmo motivo que os protestantes admitem mulheres a serem pastores: porque a reforma protestante não reconhece a ordenação de sacerdotes como um sacramento, mas sim como algo que resulta de uma “distribuição de tarefas” segundo os talentos de cada um e as necessidades da comunidade.

Nos dias de hoje negar a possibilidade de um cargo a uma mulher, somente devido ao seu sexo, seria rapidamente interpretado como discriminação ou crime. Contudo, a Igreja Católica crê, ao contrário, que a distinção de masculino e feminino é um motivo de acréscimo de valor, vital, cheio de sentido para toda a humanidade (isto porque ambos trazem dons e modos diferentes). Por isso, recorda incansavelmente o versículo do Gênesis, que não concerne apenas aos judeus ou aos cristãos, mas a toda humanidade: “homem e mulher os criou”.

Eliminando o simbolismo conjugal vinculado ao ministério do sacerdote, a Igreja Católica promoveria uma ideologia danificadora para a humanidade, e por esse motivo, e por reconhecer a natureza sacramental do sacerdócio, nunca promoverá o serviço sacerdotal de mulheres.



Outro tema muito diferente é que se afirme que ainda existe caminho a se percorrer para descobrir como as mulheres podem contribuir ainda mais para a vida da Igreja. João Paulo II escreveu muito sobre este tema, em particular na encíclica: “A dignidade da mulher”.

Assim, há que pensar que a Igreja acompanha os homens ao longo dos tempos, como boa mãe e esposa que é. Negar a sua feminilidade seria negar a sua alma, e ver nela apenas uma hierarquia vazia baseada no poder. A Igreja seria hoje muito diferente do que conhecemos sem a presença de várias mulheres que a marcaram, a começar pela própria Mãe de Cristo, e por isso afirmar que a mulher não tem um papel essencial na Igreja seria assumir uma visão simplista, redutora e falsa da realidade.

APROFUNDA:

- Mulieris dignitatem, São João Paulo II
- Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no Mundo, Papa Bento XVI

QUESTIONA:

- Como é que vês o papel da mulher na Igreja? Achas que tem um papel relevante?
- Achas que existe uma má comunicação do papel da mulher na Igreja? Como é que achas que podia ser melhorada? Como transmitir melhor o papel estrutural do feminino da Igreja?
- Achas que homens e mulheres deveriam ter acesso aos mesmíssimos cargos e funções, ou de fato faz sentido que certas responsabilidades sejam assumidas apenas por uma das partes - pelas suas características próprias?

JANEIRO

PENSO

NA VERDADEIRA
FELICIDADE



REZA:

Senhor Jesus,
Conforta-me e dá-me graça de depositar
A minha única alegria e felicidade em Ti.
Que eu me lembre sempre da Tua imensa bondade,
E do grande Amor que tens por mim.
E quando me lembrar da tristeza dos meus pecados e sofrimentos,
Ajuda-me a olhar para a Tua Cruz com fé e esperança,
E a confiar para sempre no Teu perdão.
Meu Jesus, faz-me ver que só sou feliz conTigo.
Ámen.

PENSA:

Todos os dias nos cruzamos com centenas ou milhares de pessoas. Nas ruas, no trabalho, algumas conhecemos melhor, outra apenas as vemos através do seu olhar distante... Ma o que têm de comum todos esses rostos é que por detrás está uma pessoa que deseja ser feliz. Mas o que é a felicidade?

Hoje em dia o mundo apresenta-se uma felicidade de “photoshop”, daquela que só existe nos *stories* do *Instagram*. Uma felicidade que tem a sua origem no dinheiro, nos carros descapotáveis, nas mil viagens, nas diversões nocturnas, na fama, etc. Enfim, um felicidade sem sofrimentos, que não passa afinal que um conjunto enorme de sorrisos amarelos e sofrimentos disfarçados. Onde pode estar então a raiz de uma felicidade duradoura e verdadeira?



Humanamente falando é fácil perceber que é mais feliz aquele que dá do que aquele que procura receber. E não é só este princípio moral, mas tantos outros, que já os filósofos da Antiguidade foram explicando: a temperança, a fortaleza, a prudência... Todas essas atitudes que se enraizavam numa conduta feita vida, tornavam o homem e a mulher mais felizes. E até chegaram a grandes conclusões! Todas essas virtudes, expressão do Bem, ajudam-nos a ser felizes.

Na história da Salvação, também nós percebemos como o povo judeu se regia por um grupo de princípios morais dados por Deus – os 10 mandamentos - que os guiavam para o caminho da verdadeira felicidade que atingiria o seu auge com a vinda do Messias. Eram como “um manual de instruções” para os ajudar a perceber como não sair desse caminho: “não matarás”, “não roubarás”, etc.

No entanto, até à vinda de Cristo, esse caminho ainda não estava completamente traçado. A um dado momento da vida de Jesus, um jovem rico aproximou-se e perguntou-Lhe: “Que devo fazer para alcançar a vida eterna?”. Este jovem já tinha tudo, cumpria todos os mandamentos, mas sentia que ainda lhe faltava alguma coisa. Jesus dá-lhe a resposta: “ Deixa tudo o que tens e dá-o aos pobres. Depois vem e segue-me.” A história acaba mal, com o jovem a ir-se embora triste. Mas para nós fica a lição: para encontrar a felicidade, o único caminho a percorrer é decidirmo-nos a seguir radicalmente Jesus, ouvirmos as Suas palavras e seguirmos os Seus ensinamentos. Um dos ensinamentos que nos dá Jesus são as bem-aventuranças: Bem-aventurados (isto é, felizes) os que promovem a paz, os pobres, os misericordiosos, os puros de coração... Enquanto os mandamentos nos diziam o que não nos fazia feliz, o que nos desviava do caminho, as bem-aventuranças, apontam para a meta e para a própria maneira como Jesus viveu esta vida.



A fasquia é alta e o modo de levar estas bem-aventuranças (que são as mesmas para todas as pessoas), este seguir Jesus não é igual para toda a gente, pois Deus pensou num projecto de felicidade para cada um. Por isso, mesmo que possamos dar uma resposta genérica do que é a felicidade, é preciso depois fazermos a nossa reflexão sobre o que pode ser o caminho que Deus pensou para nós (a nossa vocação).

Olharmos para a vida dos santos pode inspirar-nos e também ajudar-nos a perceber o que têm de comum todos estes caminhos que podem levar a Cristo. Como dizia em certa ocasião o Papa Bento XVI: "o luminoso exemplo dos santos desperta em nós o grande desejo de ser como eles: felizes por viver perto de Deus, na sua luz, na grande família dos amigos de Deus. (...) Esta é a vocação de todos nós, confirmada com vigor pelo Concílio Vaticano II e que hoje se volta a propor à nossa atenção de modo solene".

Assim, percebemos que a grande alegria está em viver perto de Deus, ter uma relação de tu a tu com Ele, procurar viver os mandamentos, mas também ir mais além, procurar vivê-los por amor e pondo amor naquilo que vamos vivendo, sabendo que mesmo quando erramos, Deus está sempre disposto a perdoar-nos, porque o Seu Amor por nós é infinito.

Ainda assim, é natural que às vezes te perguntes perante uma determinada tragédia na vida, uma época em que o nosso trabalho não está correr tão bem e nos sentimos frustrados, ou simplesmente quando até parece que estás a procurar viver perto de Deus, mas Deus parece fazer silêncio, se todos esses acontecimentos que Deus permite são compatíveis com a felicidade.

É altura de olhares para Jesus na cruz. Ele também sofreu e muito! Mas convida-nos a unirmos os nossos sofrimentos aos d'Ele pela conversão dos pecadores (que às vezes pode-nos ajudar pensar que se trata do teu amigo do lado que ainda não percebeu o valor da Missa, por exemplo), como disse Nossa Senhora aos Pastorinhos quando lhes apareceu e pediu que oferecessem muitos sacrifícios. Não quer isto dizer, que as coisas deixem de custar, mas dá-nos uma força e um sentido que nos fazem levar a vida para a frente e sentir que é Deus quem leva as nossas dificuldades por nós. “Vinde a mim vós que andais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei, porque a minha carga é suave e o Meu fardo é leve”.

APROFUNDA:

- Episódio do jovem rico: Evangelho de S. Mateus 19, 16-30 e Evangelho de S. Lucas 18: 18-30
- Bem-aventuranças: Evangelho de S. Mateus 5, 1-12
- YouCat- Sentido do sofrimento
- YouCat - pontos 283-285 (Caminho para a Felicidade)

QUESTIONA:

- Conheço e procuro viver de acordo com a Lei de Deus? Mesmo quando erro sei que Deus está sempre disposto a perdoar-me e quero recomeçar?
- Em que é que se nota na minha vida este modo radical de seguir Jesus?
- Estou convencido que o caminho que Deus pensou para mim é aquele que me vai fazer mais feliz, já aqui na terra, mesmo que isso possa implicar alguns sacrifícios?
- Falo com Deus sobre o plano que Ele sonhou para mim?

FEVEREIRO

PENSO

NA BELEZA DO
AMOR CRISTÃO



REZA:

Senhor,
Ensina-me a ser generoso,
Ensina-me a servir-Te como mereces,
A dar e não calcular o custo,
A lutar e não dar importância às feridas,
A trabalhar e não procurar descanso,
A servir e não pedir recompensa,
Senão a de saber que faço a Tua vontade.
Ámen.

PENSA:

A Igreja e a Homossexualidade

A relação da Igreja com o tema da homossexualidade tem sido alvo de uma crescente discussão e discernimento interno. Estando esta “condição humana” (termo aplicado pelo Papa Francisco recentemente) cada vez mais presente e visível na sociedade e nas comunidades cristãs, torna-se necessária e urgente a abertura de espaços de diálogo e inclusão. O sentimento de abandono e a falta de resposta ou acompanhamento pastoral apropriado da Igreja aos fiéis homossexuais são algumas das causas, sublinhadas pelos mesmos, que os levam a questionar o seu papel como cristãos, como membros da família de Deus e até, por vezes, se serão efectivamente amados por Deus.

Nos últimos anos, a Igreja tem-se esforçado por responder às perguntas dos fiéis: “Como posso, como homossexual, seguir o caminho de fé que a Igreja me propõe?” Ou “O que podemos dizer aos católicos homossexuais que sentem que a sua própria Igreja os rejeitou?”.



Nesta reunião, importa aprofundar a proposta de vida que a Igreja tem a dar às pessoas homossexuais e, mais importante ainda, a forma como somos todos chamados a viver em comunidade, com amor e respeito pela dignidade uns dos outros. Talvez o tema possa ajudar tanto a quem a homossexualidade é uma realidade estrangeira como a quem a vive. Não se trata de estarmos "certos" ou "errados", mas sim de entrar num espaço de aprofundamento, onde o principal objectivo é saber como aprender a amar melhor o outro, a Igreja e, mais ainda, a Deus.

Homossexualidade e o seu contexto em Portugal e na Igreja: alguns factos

Embora não nos pareça um tema recente, a homossexualidade foi discriminalizada em Portugal com a Revisão do Código Penal de 1982. Ou seja, há apenas quarenta anos. O casamento civil entre pessoas do mesmo sexo o foi legalizado em 2010. Em 2016, foi concedido o direito à adopção por casais do mesmo sexo.

Em 2005, de acordo com um inquérito conduzido pela Eurosondagem, estimava-se que em Portugal 10% da população fosse homossexual ou bissexual. Desde então, tem-se tornado mais difícil precisar uma percentagem, uma vez que o conceito de "homossexualidade", de certa forma, foi incluído a pari passu na muito maior e mais diversa comunidade LGBTQIA+, assim chamada, da qual não iremos falar neste tema. Esta percentagem indica que 1 em cada 10 portugueses poderá ser homossexual. Apesar de possuir já muitos direitos legais em Portugal, é de notar que a homossexualidade ainda é criminalizada em 68 países, tendo sido inclusive criminalizada em 2023 no Uganda com a possibilidade de pena de morte.



Recentemente, o Papa Francisco abordou este assunto, condenando a criminalização que ainda existe em alguns países, afirmando que “a homossexualidade não é um crime.” Distingue “crime” de “pecado”, sublinhando que mais grave será o pecado da “falta de caridade com o próximo”. O Papa reconhece que ainda há na Igreja quem apoie não só a discriminação dos homossexuais, como a criminalização da homossexualidade. Aponta para as razões que possam levar a estas tomadas de posição – backgrounds culturais e sociais – que devem ser submetidos, segundo o Santo Padre, a um processo de mudança em prol do reconhecimento da dignidade de todos.

A Igreja escuta todos os tempos?

É importante referir, em primeiro lugar, que a proposta da Igreja aos fiéis tem como base a Doutrina da Igreja, apoiada na Sagrada Escritura, na Sagrada Tradição e no Magistério, que interpreta a revelação do amor de Deus, consumada em Cristo, à luz da actualidade.

No último século, o discurso cultural e social acerca da homossexualidade tem vindo a evoluir drasticamente, rumo a um registo menos crítico, mais inclusivo. Também a Igreja tem vindo a mudar o seu discurso e abordagem, não só pelos documentos oficiais do Magistério, mas por várias vezes fiéis aos ensinamentos do mesmo, que contribuem para uma maior discussão e pensamento crítico acerca deste tema.



Existe a consciência de que apreensão da contínua revelação do amor de Deus é “progressiva e dinâmica”. Como tal, também ela se deixa revelar pela e na realidade. O Magistério, que detém a função essencial do serviço à Verdade e da transmissão e tradução da revelação à Igreja, tem vindo a discernir sobre estas vozes. Nunca, porém, alterando a visão do sentido fundamental dos pilares da Doutrina.

O Concílio Vaticano II teve um papel fundamental na descoberta de novas linguagens que permitissem um diálogo mais justo sobre temas sociais complexos: segundo o Papa João XXIII, a doutrina cristã não deve ser vista nem transmitida como um “compósito de verdades abstratas e imutáveis”, mas deve ter em conta aqueles a quem esta se propõe. Quase sessenta anos depois do Concílio, verificamos uma adaptação pastoral, social e política nos conteúdos dos documentos do Magistério.

Apesar de tudo isto, a Igreja não deixa de ter uma posição clara face à homossexualidade. Por vezes, pode-nos parecer conflituosa a sua abordagem a este tema: ou porque parece muito exigente nas suas propostas, ou porque parece exortar-nos a aceitar qualquer maneira de viver.

Assim, para compreendermos o olhar da Igreja e as suas afirmações, convém notarmos a influência discursiva da filosofia e teologia moral de São Tomás de Aquino, que põe a razão ao serviço da fé, encarando complexas questões sociais assertivamente, sucintamente, à luz da lei natural. Esta lei pode ser vista como um ordenamento racional para o bem comum.

A Homossexualidade é pecado?

Ser homossexual não é pecado. O mais importante é perceber que a que a Igreja distingue sempre o Homem do seu pecado. Assim, nem todas as dimensões da vida e existência de uma pessoa homossexual recebem o mesmo juízo por parte da Igreja. Para começar, a Igreja distingue “inclinação homossexual” de “actos homossexuais”.

A inclinação homossexual não é vista como um acto mas como uma condição. O Catecismo da Igreja Católica encara esta inclinação como uma “provação” (cf. CIC §2358), convidando os fiéis a “unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar devido à sua condição”. A par destas afirmações, a Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais (*Homosexualitatis problema*, 1986), adverte “que a particular inclinação da pessoa homossexual, embora não seja em si mesma um pecado, constitui, no entanto, uma tendência, mais ou menos acentuada, para um comportamento intrinsecamente mau do ponto de vista moral. Por este motivo, a própria inclinação deve ser considerada como objetivamente desordenada” (n.3).

Quanto aos “actos homossexuais”, a mesma carta declara que, “em perfeita continuidade com o ensinamento bíblico, na lista dos que agem contrariamente à sã doutrina, são mencionados explicitamente como pecadores aqueles que praticam atos homossexuais (cfr. I Tm I, 10)” (n.6). E acrescenta, observando estes actos como impeditivos da “auto-realização e a felicidade porque contraria a sabedoria criadora de Deus”. O Catecismo complementa esta linha de pensamento, dizendo que estes actos são intrinsecamente desordenados.



A Igreja chama os fiéis, não apenas as pessoas homossexuais, em primeira instância, à castidade: “Pelas virtudes do autodomínio, educadoras da liberdade interior, e, às vezes, pelo apoio duma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, podem e devem aproximar-se, gradual e resolutamente, da perfeição cristã” (CIC,§2359). As declarações oficiais abordam esta condição de vida essencialmente na sua natureza “sexual”. Apesar disso, existe a consciência de que a realidade homossexual é muito mais do que apenas o seu teor “sexual” e que, por isso, há condições para que se construa um caminho de aproximação a Cristo e à proposta do Evangelho.

Assim, a proposta da Igreja é o desenvolvimento de uma vida de castidade em profunda união com Cristo. A castidade em si é o fruto de uma relação dinâmica com Jesus baseada no amor, no discipulado, na santidade e na caridade. Todas as pessoas são chamadas a esta vivência e todas elas são capazes de viver uma vida de santidade. Isto é verdade, independentemente das atrações ou tentações que possam experienciar, e mesmo que determinadas vulnerabilidades permaneçam durante toda a vida.

Cada ser humano é livre de pedir a Deus que o liberte de fraquezas específicas, mas podemos descobrir, como S. Paulo, que Deus nos permite permanecer fracos em certas áreas, para que confiemos mais na Sua graça e força e cresçamos em humildade (2 Cor. 12: 5-10). Não há dúvida que a maior cura é a união de uma alma com Jesus Cristo e o facto de essa alma se voltar continuamente para Ele em busca de força, mesmo no meio de fraquezas e tentações. A Igreja oferece tudo o que tem para o acompanhamento daqueles que mais precisam: oração, os Sacramentos e o apoio espiritual e humano adequados.

No seio das Comunidades Cristãs

A par das evoluções sociais, a Igreja e as comunidades cristãs vivem numa realidade cada vez mais eclética, repleta de carismas e formas de discurso diferentes. Tem sido reforçadamente pedido a toda a comunidade pastoral um acompanhamento mais atento e informado. A exigência em relação à Igreja e a sua resposta à realidade crescente da homossexualidade sido cada vez maior e torna-se urgente abrir os braços e escutar activamente os desafios destes fiéis.

Dito isto, o que é que a Igreja propõe aos leigos que acompanham esta realidade de perto e de longe?

O desafio consiste em (1º) encontrar clareza e manter fidelidade à Verdade: ser exigente e ter espírito crítico em relação à informação e às correntes de ideias que atravessam a comunicação social e os grupos de amigos/família; (2º) Viver em caridade e em escuta activa: respeitar e apoiar o caminho dos outros ou do próprio, sempre prontos a acolher e a sermos acolhidos; (3º) Viver o apostolado ao qual somos chamados desde o baptismo: ser os braços abertos da Igreja, ouvir e falar de Deus sem medo com aqueles que possam ou não estar mais próximos. Não deixar que a distância dos outros de Deus nos impeça de apontar para a beleza das suas vidas e para a alegria que poderá ser partilhá-la com Deus.

Este desafio é simultaneamente uma oportunidade de nos situarmos bem no centro do mundo, da comunidade, da nossa família ou amigos. Deus ama a criação e as pessoas homossexuais fazem parte dela. Cabe-nos a nós amar a criação.

APROFUNDA:

- Catecismo da Igreja Católica : parágrafos 2357-2359.
- Persona humana: sobre alguns pontos de ética sexual, Congregação para a Doutrina da Fé, 1975.
- Homosexualitatis problema, Carta aos Bispos sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais, 1986.
- Responsum da Congregação para a Doutrina da Fé a um dubium sobre a bênção de uniões de pessoas do mesmo sexo, 2021.
- Exortação apostólica pós-sinodal Amoris laetitia sobre o amor na família; Editora: PAULINAS; Coleção: Voz do papa, 2016 (parágrafos 250-251).
- Para uma perspectiva prática de acompanhamento pastoral católico a pessoas que experienciam atração por pessoas do mesmo sexo, veja-se o programa de apostolado Courage International (www.couragerc.org) , desenvolvido sobre a orientação da Conferência Episcopal dos Estados Unidos da América.

QUESTIONA:

- Compreendo a posição da Igreja e a coerência dos seus ensinamentos? Se não entendo, procuro conhecer ou critico facilmente?
- Como pode cada um de nós abordar esta realidade na sua vida? Dou prioridade à caridade na relação com estas pessoas?

REGISTA:

MARÇO

PENSO

**NA FERTILIDADE
RESPONSÁVEL**



REZA:

Pai Santo, Amor Criador,
Senhor da vida, Deus providente e todo-poderoso:
Desde toda a eternidade quisestes o ser e a vida de cada um de nós,
E enviastes o vosso Filho ao mundo a fim de que tenhamos a Vida
E a tenhamos em abundância.
Dai-nos o vosso Espírito vivificante para que,
Sempre, em qualquer circunstância e sem exceção alguma,
Defendamos, amemos e sirvamos a vida,
Dignidade, direitos e integridade de cada ser humano
Desde o momento da sua concepção até à morte natural.
E, indo, assim, ao vosso encontro,
Alcancemos a felicidade eterna.
Ámen.

PENSA:

A maravilha da diferença. Homens e mulheres. Somos diferentes. Os nossos cérebros funcionam de forma diferente. O esqueleto é diferente. Temos glândulas diferentes. O sistema reprodutor é diferente. Podemos considerar a diferença como um obstáculo, como discriminatória, como um peso.

Mas também podemos olhar a diferença como uma oportunidade de auto e hetero conhecimento, como uma forma de nos amarmos mais e de desenvolvermos as nossas dimensões de forma integral.

A nossa diferença física está muito associada à fertilidade. A fertilidade ou fecundidade é a capacidade de gerar vida. É a capacidade de gerar filhos biológicos, mas também filhos espirituais.



A fecundidade é um dom, dos mais belos dons concedidos ao Ser Humano. O homem contribui para uma nova vida humana com o gâmeta masculino, com 23 cromossomas. A mulher também contribui com 23 cromossomas e, além disso, é a morada durante toda a gestação e, possivelmente, a fonte de alimentação do bebé nos primeiros meses de vida.

Mas além deste carácter mais reprodutivo, a fertilidade é um indicador de saúde e uma importante dimensão na identidade pessoal. Nesse sentido, a fertilidade importa a todos os homens e mulheres, independentemente do seu estado de vida.

A introdução progressiva da contraceção na sociedade moderna suscitou uma visão negativa sobre a fertilidade, a ponto de ser encarada como um “problema a ser eliminado” temporária ou definitivamente. Como se de uma doença de tratasse, prescrevem-se comprimidos ou dispositivos, que não passam sem deixar as suas marcas. São muitos os estudos que demonstram importantes correlações entre os contraceptivos orais e o risco de cancro da mama, do colo do útero, de tromboembolismos e depressão.

É verdade que há muitas jovens e mulheres adultas que sofrem com o ciclo menstrual, para quem a contraceção oral parece ser a única solução. Mas este tipo de terapêutica atua de forma supressora e não restaurativa, alivia os sintomas, mas não trata a causa. O mecanismo de ação da pílula e outros contraceptivos hormonais é a supressão da ovulação e a atrofia do endométrio (diminuição do espessamento do revestimento interno do útero).



A abordagem primária deve ser o diagnóstico multifactorial e o tratamento cooperativo com o ciclo menstrual das causas de problemas como dores menstruais fortes, síndrome de ovários poliquísticos, síndrome pré-menstrual severa, entre outros, que respeite o normal funcionamento do corpo da mulher.

Qual a posição da Igreja?

Em 1968, quando o Papa Paulo VI decidiu emitir uma posição sobre o dever de transmissão da vida humana, o mundo susteve a respiração para escutar a sua resposta às inquietações vividas tanto então como agora. O seu sim à fertilidade e consequente recusa da contraceção desconcertaram a comunidade católica assim como os não crentes, sendo ainda hoje um campo de polémica batalha.

Recordemos as palavras proféticas de Paulo VI sobre as consequências dos métodos da regulação artificial da natalidade: “(...) o caminho amplo e fácil que tais métodos abririam à infidelidade conjugal e à degradação da moralidade. (...) os homens - os jovens especialmente, tão vulneráveis neste ponto - precisam de estímulo para serem fiéis à lei moral (...).

É ainda de reear que o homem, habituando-se ao uso das práticas anticoncepcionais, acabe por perder o respeito pela mulher e, sem se preocupar mais com o equilíbrio físico e psicológico dela, chegue a considerá-la como simples instrumento de prazer egoísta (...). Quem impediria os governantes de favorecerem e até mesmo de imporem (...) o método de contraceção” (*Humanae Vitae*, 17).

De que forma é que o planeamento familiar natural não é “contraceção natural”?

Na mesma *Humanae Vitae*, o Papa lança um repto aos homens da ciência para encontrarem uma “base suficientemente segura para a regulação dos nascimentos, fundada na observância dos ritmos naturais” HV, 24. Foram vários os “homens da ciência” a responder com eficácia. Para além de ajudar o casal a reconhecer os dias férteis e inférteis, estes métodos têm também revelado importantes indicadores da saúde reprodutiva e ginecológica da mulher/casal. Permitem espaçar os nascimentos, mas também selecionar os melhores dias para engravidar.

A contraceção atua de forma muito diferente dos métodos naturais: altera deliberadamente a relação sexual, tornando-a sempre infecunda, afetando o significado procriativo e, conseqüentemente, o significado unitivo do ato conjugal. Além disso, a contraceção hormonal (pílula, adesivo, implante, injeção, SIU) altera o ciclo da mulher, quer suprimindo a ovulação, quer alterando o muco cervical, quer impedindo a nidação. Para quem defende que a gravidez começa na conceção, os métodos que afetam o endométrio (revestimento interno do útero) e a nidação, como os dispositivos intra-uterinos ou qualquer tipo de contraceção hormonal, são potencialmente abortivos.

Mas quer a Igreja que tenhamos muitos filhos?

“A paternidade responsável exerce-se tanto com a deliberação ponderada e generosa de fazer crescer uma família numerosa, como com a decisão, tomada por motivos graves e com respeito pela lei moral, de evitar temporariamente, ou mesmo por tempo indeterminado, um novo nascimento” (HV, 10). Na realidade, cabe ao casal, em consciência, em diálogo com Deus, a decisão sobre o número de filhos a ter e quais os motivos graves para espaçar os nascimentos.



“Porque não?” é a verdadeira pergunta que os casais podem fazer diariamente sobre ter ou não mais filhos. Se surgir logo uma resposta, então significa que o discernimento aponta no sentido de espaçar uma gravidez. Se, por outro lado, ficarem em silêncio e não houver motivos sérios para adiar, então sede generosos e usufruí do privilégio de ser cocriador com Deus. Seja como for, o ato conjugal permanece sempre aberto à vida. É quase arrepiante pensar que Deus, na Sua onipotência, depende do ser humano para criar pessoas novas. E ao mesmo tempo de uma grande responsabilidade: os filhos que não tivermos, não vão existir.

Na sua sabedoria, a Igreja optou por não concretizar o que seriam essas “razões sérias”, porque os contextos são demasiado distintos pelo mundo fora. Mas a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (50) dá-nos os ingredientes para que cada casal possa discernir a vontade de Deus em relação ao número de filhos: a responsabilidade humana e cristã; respeito para com Deus; formação recta da própria consciência em atenção ao seu bem próprio e o dos filhos nascidos ou que preveem ter; as condições de tempo e da própria situação; o bem da comunidade familiar, da sociedade temporal e da própria Igreja.

No tema da fecundidade, a visão do mundo é quase oposta à da Igreja. Ainda que os filhos sejam encarados como um bem, são-no em condições muito específicas: planeados, saudáveis, poucos. Por isso, se chama sexo seguro ao sexo fechado à vida, como se os filhos fossem perigosos. Por isso, se pondera o aborto quando os filhos não são planeados ou têm alguma alteração genética ou malformação. Por isso, é tão difícil para alguns casais católicos anunciar quartas e quintas gravidezes, especialmente se forem muito seguidas.



Aqui, meus irmãos, temos de pedir a intercessão do Papa São Paulo VI e ser audazes, não ter medo do mundo, porque Ele venceu o mundo!

Nos anos 60, após a aprovação da pílula pelo *Foods and Drugs Administration*, intensificou a pressão sobre a Igreja para aprovar o uso da contracepção pelos casais casados. Até 1930, todas as Igrejas eram contra, mas, na Conferência de Lambert desse ano, a Igreja Anglicana permitiu a contracepção em caso de motivos sérios para espaçar nascimentos. Anos mais tarde, na comissão formada por Papa Paulo VI para estudo desta matéria, a maioria pronunciou-se a favor da mudança. No entanto, o Papa optou por seguir a minoria e discerniu que a contracepção feria profundamente a essência do ato conjugal, que é uma entrega total com um carácter unitivo e procriativo inseparável. Nessa minoria, estava Karol Wojtyła, um bispo polaco que viria a tornar-se Papa, São João Paulo II e que viria a dedicar o seu pontificado a desenvolver a Teologia do Corpo, cujo objetivo principal era explicar a *Humanae Vitae*, um tesouro ainda muito desconhecido.

O que propõe, então, a Igreja no caso de motivos graves para espaçar ou limitar as gravidezes?

A Igreja, em cooperação com a ciência, sugere que o casal recorra aos métodos de monitorização do ciclo menstrual e identificação precisa da janela fértil, também conhecidos como métodos de Planeamento Familiar Natural. Através dos métodos naturais, o casal é ensinado a identificar os dias férteis ou inférteis e a seleccionar os dias de acordo com a intenção: se deseja engravidar, escolhe dias férteis; se deseja adiar a gravidez, escolhe dias inférteis para ter acto conjugal. Atualmente, já não se recomenda os obsoletos métodos do calendário ou método das temperaturas, mas apenas métodos modernos de auto-observação que apresentam uma eficácia de 96%-99% para espaçar uma gravidez.



Não se trata de “contraceção natural”, uma vez que a contraceção atua de forma muito diferente dos métodos naturais: altera deliberadamente a relação sexual, tornando-a sempre infecunda, afetando o significado procriativo e, conseqüentemente, o significado unitivo do ato conjugal.

No acompanhamento de casais utilizadores destes métodos, é óbvio o impacto positivo na relação conjugal, não só pelo conhecimento mútuo que vão desenvolvendo, na comunicação diária, na cumplicidade que vai crescendo, mas também na forma como se vão abrindo à vida e refletindo sobre a generosidade. A Igreja não inventa regras. A Igreja tem a missão de interpretar a Lei Natural e ajudar-nos a vivê-la. E o testemunho dos casais é uma enorme evidência que o caminho é por aqui e que devemos estar muito gratos ao Papa São Paulo VI pela sua coragem em enfrentar as adversidades e publicar a *Humanae Vitae*.

APROFUNDA:

- Papa Paulo VI, Encíclica *Humanae Vitae*
- Catecismo da Igreja Católica (nº 2366 e ss.)
- Papa João Paulo II, *Familiaris Consortio* (nº28 e ss.)

QUESTIONA:

- Como olho para a vida? Como algo simplesmente natural ou como verdadeiro dom de Deus?
- Compreendo que toda a vocação cristã é fértil, isto é, geradora de vida?
- Compreendo a relação entre o Matrimónio e a abertura à vida?

ABRIL

PENSO

NO SENTIDO DO
SOFRIMENTO



REZA:

Lembrai-Vos, ó piíssima Virgem Maria,
Que nunca se ouviu dizer,
Que algum daqueles que têm recorrido à vossa proteção,
Implorado a vossa assistência e reclamado o vosso socorro,
Fosse por Vós desamparado.
Animado eu, pois com igual confiança,
A Vós, ó Virgem entre todas singular, como a Mãe recorro;
De Vós me valho;
E gemendo sob o peso dos meus pecados, me prostro a vossos pés.
Não desprezeis as minhas súplicas, ó Mãe do Filho de Deus humanado,
Mas dignai-Vos de as ouvir propícia e de me alcançar o que Vos rogo.
Ámen.

PENSA:

Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? (Romanos 8, 35)

Imaginemos que estamos no início de um novo ano e escrevemos a seguinte lista de objetivos: chumbar nos exames, ter discussões em casa, ficar doente... Seria uma loucura ou um disparate ter estes objetivos, porque ninguém deseja sofrer! Mas apesar de não planejarmos ou desejarmos sofrer, o sofrimento acabar por nos tocar na mesma: às vezes com pequenos incómodos e humilhações, como uma crítica numa festa ou uma discussão desagradável, outras vezes com dificuldades complicadas como um conflito ou uma doença na família.



Se é certo que não devemos procurar o sofrimento, por vezes sentimos a tentação de achar que conseguimos evitá-lo: *Se eu fizer tudo bem, ninguém vai sofrer. Se eu for bom em tudo, nada de mal vai acontecer. Se eu tiver dinheiro suficiente, posso viver descansado...*

Mais tarde ou mais cedo na vida criamos estas e outras ideias, que nos tentam ajudar a lidar com a imprevisibilidade da vida e a dar-nos alguma segurança. Mas se olharmos com verdade, reparamos que apenas aumentam a nossa aflição e desilusão: por muito que eu faça, é impossível escapar do sofrimento.

O sofrimento é como uma sombra. Quanto mais fugimos mais nos persegue. Desengane-se quem não quer sofrer. Não temos sequer essa escolha, o jogo está viciado. Por muito que nos custe, o sofrimento faz parte da vida, é inevitável. Mas se existe sombra, é porque existe luz. Em vez de nos fixarmos na sombra e em quanto nos incomoda ou assusta, caminhemos em direção à Luz.

O sofrimento que nos toca

Quando sofremos podemos dar por nós a pensar *Porquê a mim? Isto não devia acontecer... Isto não era suposto... Eu não mereço isto, isto não é justo...*

É natural interrogarmo-nos sobre o que nos inquieta, mas se passamos muito tempo a alimentar esta frustração extra - *isto não devia, isto não podia, isto não era suposto* - estamos a criar mais sofrimento em cima do que já existe. Como se ao partir uma perna ficássemos fixados na injustiça e zangados em como nos estraga os planos, acrescentando mais dor ao sofrimento real que já temos.



Deixemos esta guerra interna do que devia ou não devia acontecer. A realidade não quer saber das nossas ideias. Nós somos frágeis, não controlamos a vida. Tudo o que controlamos é como lidamos com o que nos acontece. Quer seja uma dificuldade nos exames, o fim de um namoro ou um problema de saúde, podemos escolher ficar zangados com o que não controlamos ou aprender com o que está a acontecer. O que vamos escolher?

As perguntas que fazemos são importantes. São as perguntas que lançam as respostas que encontraremos "Porque todo o que pede, recebe; o que procura, encontra." (Mt 7:8) A pergunta que nos devemos colocar não é tanto "porque sofremos?", mas "o que fazer com o sofrimento que nos toca?"

Procurar o presente escondido

Quando éramos crianças aprendemos a comer, a andar, a falar. Depois aprendemos a correr, a ler, a escrever. Quem preferia não ter aprendido a comer, andar ou falar? Tudo isto foi possível apenas com sofrimento. Trocaria por alguma coisa estas capacidades? Se nos dissessem que todas aquelas quedas e dores nos ajudariam a aprender a andar, não acreditaríamos! Da mesma forma muitos sofrimentos estão a dar-nos uma capacidade que antes não tínhamos.

Será que já pensei como certas dificuldades me podem ajudar a compreender melhor os outros? Ou a não julgar? Ou a ser humilde? Ou a ser paciente? Ou a ser agradecido? Por muito difícil que pareça, posso antes perguntar-me em cada sofrimento: *Como pode este sofrimento ser um dom? Que presente pode vir escondido dentro deste sofrimento?*



Só damos presentes a quem gostamos e a quem achamos que merece. O problema é que por vezes nem gostamos de nós nem achamos que merecemos. Tantas vezes não conseguimos ver um dom e um presente numa dor ou sofrimento porque estou em guerra comigo mesmo: *que fraqueza, que estupidez, que vergonha...*

E se é verdade que tantos sofrimentos que temos são fruto dos nossos erros, pecados e disparates, será que aceito que Deus também me tem algo a dizer? Será que aceito receber um presente? Será que me deixo descansar nas mãos de Deus? Será que me deixo perdoar e amar por Deus? Será que sei cuidar de mim e tratar-me bem? Quem não se ama não se cuida, e quem não se cuida, sofre. Aprendamos com Deus e procuremos o presente dentro de cada sofrimento.

Para além da solidão, uma companhia

Por vezes sentimos que a dor que temos é única, que nos deixa sozinhos, que mais ninguém nos percebe, que mais ninguém passou por algo parecido. Seria até engraçada esta nossa ingenuidade, se não nos fizesse sofrer tanto... Não nos esqueçamos que não estamos sozinhos.

Procuremos ajuda. Participemos e partilhemos na nossa equipa. Falemos com um Padre de forma sincera. Procuremos apoio no movimento ou num bom amigo. Não deixemos o nosso coração fechar-se no medo: "Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo." (Is 41,10). É preciso coragem para partilhar as nossas dificuldades, mas é um alívio perceber que não estamos sozinhos e que na companhia dos outros encontramos a força que nos anima.



Recordemos que temos a companhia permanente de Deus, que está sempre ao nosso lado, mesmo quando não O percebemos ou quando não O sentimos. Falemos em oração sincera a Deus do que nos aflige, magoa ou envergonha. "Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará." (Mt 6:6) Deus não nos protege de todos os sofrimentos, mas ajuda-nos a ultrapassar o sofrimento nos toca.

A Igreja, os Sacramentos, a comunidade, a amizade ajudam-nos a não viver em solidão o que nos custa. Os sofrimentos tornam-se mais leves ao serem partilhados. Possamos nós também com a nossa companhia, tornar mais leve o sofrimento de quem nos rodeia, seguindo o exemplo de Jesus: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas" (Mt 11,28)

Somos chamados a amar

Lembremos a Paixão de Cristo e como até Jesus não desejou o sofrimento: "Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua."(Lc 22, 42). Jesus foi capaz de transformar o maior sofrimento e injustiça num acto de amor. Mesmo procurando o bem dentro de cada sofrimento e mesmo procurando aceitar o que acontece, há coisas que são difíceis. Há sofrimentos que nos afligem e nos doem e isso é sinal também de algo maior. É sinal que amamos, que nos importamos. Custa-nos ver alguém a passar alguma coisa difícil, porque temos amor por essa pessoa: "Se o mal é um enigma que nos cala, o Bem é um mistério ainda maior" (Tolentino Mendonça).



Somos chamados ao amor. E a paciência é uma forma de amor: "Paciência com os outros é Amor; Paciência consigo mesmo é Esperança; Paciência com Deus é Fé." (Adel Bestavros)

Há coisas que levam tempo a ser percebidas. O que hoje nos parece uma tragédia daqui a 5 anos pode ser uma bênção. Mas temos que deixar passar o tempo, sem deixar crescer a revolta ou o ressentimento no nosso coração. Não nos compete saber tudo. Especialmente quando não compreendemos ou nos custa, mais somos chamados a amar. A única resposta capaz do sofrimento é o amor. Tudo o resto cai por terra perante as dificuldades e adversidades. A única forma de nos aproximamos do olhar de Deus é quando olhamos a realidade com amor.

Não sejamos como uma criança agitada e ansiosa que atrapalha os seus pais na sua impaciência. Confiemos no bem que Deus nos quer. Confiemos serenamente. Aprendamos com a confiança de Nossa Senhora, que nas contrariedades ou imprevistos que não compreendia, guardava tudo no seu interior: "Maria, porém, guardava todas essas coisas, meditando-as em seu coração." (Lc 2, 19)

Enfrentemos assim com serenidade cada sofrimento, procurando o presente escondido, vivendo em companhia e mantendo acesa a fé que nos garante que por muito pequena ou grande que seja a dificuldade, nada nos poderá separar do Amor de Deus.



APROFUNDA:

- O hipópotamo de Deus e outros textos, Tolentino Mendonça (Assírio e Alvim).
- Paciência com Deus, Tomás Halík (Paulinas).
- Livro de Job.

QUESTIONA:

- Que sofrimentos tenho sentido ao longo da minha vida? Como pode esse sofrimento ser um dom? Que presente pode estar escondido aí?
- Como posso ser melhor companhia para quem me rodeia? Como posso aliviar o sofrimento de quem mais gosto?
- Como posso confiar mais em Deus?

REGISTA:

MAIO

PENSO

**NAS OUTRAS
RELIGIÕES**



REZA:

Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz;.

Onde houver ódio, que eu leve o amor;

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;

Onde houver discórdia, que eu leve a união;

Onde houver dúvida, que eu leve a fé;

Onde houver erro, que eu leve a verdade;

Onde houver desespero, que eu leve a esperança;

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais consolar que ser consolado,

Compreender que ser compreendido, amar que ser amado.

Pois é dando que se recebe, é perdoando que se é perdoado,

E é morrendo que se vive para a vida eterna.

Amém.

PENSA:

“É preciso conhecer a mente dos irmãos separados. Para isso, necessariamente se requer um estudo, a ser feito segundo a verdade e com animo benévolo. Católicos devidamente preparados devem adquirir um melhor conhecimento da doutrina e história, da vida espiritual e litúrgica, da psicologia religiosa e da cultura própria dos irmãos. [...] Por esse caminho se conhecer outrossim melhor a mente dos irmãos separados e a nossa fé lhes ser mais aptamente exposta” (Unitatis Redintegratio, 9).

A religião enquanto relação do Homem com o sobrenatural é um fenómeno que marca profundamente a identidade da nossa espécie, desde os seus primórdios.



De facto, na altura em que o homem trocou a caça pela agricultura como forma principal de subsistência, o aumento da estabilidade de vida e a maior segurança conferida pelos assentamentos sedentários, proporcionaram novas preocupações ao ser humano. Estas, marcadas pelo seu carácter existencial (Qual é a origem da humanidade? Para onde vamos depois da morte? Qual é o sentido da vida?), irão substituir as de carácter pragmático (Como é que vou caçar este mamute? Onde é que podemos dormir sem o perigo dos nossos bebés serem comidos por tigres dentes-de-sabre?).

Como resposta às primeiras inquietações, surge o fenómeno religioso. Este fenómeno pode ser entendido como a relação entre o ser humano e a(s) divindade(s) a que o mesmo presta culto. A manifestação da(s) entidade(s) divina(s) ao homem é uma experiência profundamente individual e íntima, condicionada pelos factores histórico-culturais do local e da época em que ocorre. Deste modo, surgiram várias interpretações, marcadas pela forma de pensar, sentir e viver dos seus manifestantes, que irão dar origem a diversas religiões.

Talvez o nosso contato quotidiano com outras religiões, sobretudo as não-cristãs, seja muito reduzido ou até inexistente. É comum que uma experiência que nos alarga os horizontes, como uma viagem a um país distante, faça surgir em nós algumas perguntas relacionadas com a nossa Fé. Em realidades muito diferentes das nossas, não se fala de Cristo, da Igreja e muito menos das Equipas. De repente, algo que nos parece tão essencial e inquestionável torna-se aparentemente insignificante.



E é precisamente nestas situações que devemos aprender a postura que a Igreja há muito adotou quando confrontada com aqueles que desconhecem ou rejeitam o Evangelho de Cristo: crer, amar e ensinar. Nós, católicos, Esta diversidade de fenómenos religiosos que existem neste mundo, devemos mantermo-nos firmes na nossa Fé, agradecidos pela enorme Graça que é ter uma relação pessoal com Jesus. Devemos também amar todos aqueles que encontramos, desejando ardentemente que todos cheguem ao Céu. E, por isso, temos o dever e o direito de lhes propor o Evangelho como caminho de salvação e felicidade.

Não fazemos porque somos melhores que os outros ou porque sabemos tudo. Fazemo-lo porque temos consciência que os dons que recebemos de Deus são também responsabilidades e que o Amor que recebemos não serve de nada se ficar guardado ou escondido na nossa casa. Isto nos diz Jesus: “Recebeste de graça, dai de graça” (Mt 10,8).

Talvez já tenhas ouvido de algum amigo ou conhecido a frase que só aparentemente é um argumento: “Se tivesses nascido em Marrocos, eras muçulmano. Isso das religiões é tudo inventado”. Na verdade, há só duas respostas possíveis: um autêntico testemunho de vida cristã e o conhecimento da posição da Igreja face a estes temas. De facto, por ser desde os seus primórdios essencialmente, a Igreja esforça-se por conhecer e entender as diferentes religiões, não deixando de lhes propor a maravilhosa Boa Nova que recebeu do próprio Deus.

Há salvação fora da Igreja?

O estudo das diferentes religiões, e o reconhecimento que por vezes a Igreja faz do bem que nelas também se encontra, não pode deixar de ser confrontado com uma afirmação comum nos documentos católicos: *extra Ecclesiam nulla salus*, isto é, *fora da Igreja não há salvação**.

Isto mesmo encontramos nas várias fontes da Tradição da Igreja:

- Nos Atos dos Apóstolos podemos ler que “não há salvação em nenhum outro [Jesus], pois não há debaixo do céu qualquer outro nome, dado aos homens, que nos possa salvar” (Act 4, 12).
- Concílio Vaticano II, «apoiado na Sagrada Escritura e na Tradição», apresentou a Igreja como «necessária à salvação». (*Lumen Gentium*, 14).
- Aliás, foi o próprio Cristo que afirmou ser a Porta e o Caminho. Haverá algo mais claro do que “Ninguém vem ao Pai senão por Mim” (Jo 14,6)? Só assim se entendem as indicações que Jesus deu aos Apóstolos antes de ascender ao Pai: “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16, 15), “Fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 19).

Mas certamente nos perguntamos: quer isto dizer que todos aqueles que não pertencem visivelmente à Igreja não serão salvos? É bom que tenhas essa preocupação, é sinal que participas do desejo universal de salvação, que está bem no centro do Coração de Jesus.

*esta frase foi originalmente proferida por Orígenes, no século III. Na altura, tinha um significado concreto: a Igreja estava a ser fortemente perseguida pelo Império Romano e os grandes escritores cristãos tiveram de deixar bem claro para as suas próprias comunidades que ninguém deveria abandonar a Igreja onde, mesmo neste período de maior tribulação, residia a salvação).



A resposta à pergunta é negativa: «Com efeito, também podem conseguir a salvação eterna aqueles que, ignorando sem culpa o Evangelho de Cristo e a Sua Igreja, no entanto procuram Deus com um Coração sincero e se esforçam, sob o influxo da Graça, por cumprir a sua vontade conhecida através do que a consciência lhes dita» (*Lumen Gentium*, 16). Mas certamente nos perguntamos: quer isto dizer que todos aqueles que não pertencem visivelmente à Igreja não serão salvos? É bom que tenhas essa preocupação, é sinal que participas do desejo universal de salvação, que está bem no centro do Coração de Jesus. A resposta à pergunta é negativa: «Com efeito, também podem conseguir a salvação eterna aqueles que, ignorando sem culpa o Evangelho de Cristo e a Sua Igreja, no entanto procuram Deus com um Coração sincero e se esforçam, sob o influxo da Graça, por cumprir a sua vontade conhecida através do que a consciência lhes dita» (*Lumen Gentium*, 16).

Este ensinamento deve ser entendido lado a lado com outro: o princípio da Graça suficiente. A Igreja acredita e ensina, confiada na imensa bondade de Cristo, que Deus concede a cada pessoa da História a Graça suficiente para a sua salvação. Todos, homens e mulheres, independentemente do tempo e lugar onde tenham vivido, tiveram a oportunidade de livremente dizer “sim” a Deus e à Sua salvação. Assim, os meios “ordinários” de salvação por incorporação em Cristo só podem ser encontrados na igreja católica (o Depósito da Fé apostólica, os sete Sacramentos e a comunhão visível do Corpo Místico de Cristo mantida pelo ministério papal). Contudo, alguns destes meios existem também fora da Igreja Católica, nas outras igrejas cristãs, e produzem verdadeiros efeitos da Graça divina. Para além disso, existem ainda os meios “extraordinários”: a Graça que opera através dos elementos da razão natural e o dom do Espírito Santo que ilumina a consciência de todo ser humano (cf. São João Paulo II, *Veritatis Splendor*).



Por último resta nos dizer que a consciência de que Deus pode, por caminhos só por Ele conhecidos, salvar aqueles que não conhecem Cristo, não pode servir de desculpa para não levar o Evangelho a todos os que nos rodeiam. O próprio São Paulo afirmava: “Ai de mim senão evangelizar!” (1Cor 9, 16).

Mas como cumprir esta obrigação? Na verdade, não é assim tão difícil: não precisas de andar a tocar às campainhas de Bíblia na mão. Basta fazer das palavras de Jesus a tua vida: “Que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros.” (Jo 13, 34-35).

APROFUNDA:

- Catecismo da Igreja Católica, 836-856
- Declaração *Nostra aetate*, sobre a Igreja e as Religiões Não-Cristãs (Concílio Vaticano II)
- *Lumen Gentium* (Concílio Vaticano II)
- Ascension Presents, *This One Thing Makes Christianity Different From Every Other Religion*
- Actos dos Apóstolos, Cap. 17 (S. Paulo em Atenas)

QUESTIONA:

- Como falo de Jesus aos meus amigos não crentes? Procuo adquirir conhecimento para esclarecer as suas questões, através da leitura da Bíblia, Catecismo, obras escritas pelos Santos? Ou escolho evitar falar do assunto?
- O que posso mudar na minha vida para levar o Evangelho até quem não conhece Jesus? Como tenho encarado o meu chamamento ao apostolado?

JUNHO

PENSO

**NO DOMÍNIO DA
LIBERDADE**



REZA:

Senhor Jesus,
Tu amas-me tanto.
Vieste para me salvar dos meus pecados,
E mostrar-me o caminho para o Céu.
Peço-Te que me ajudes.
Ajuda-me a libertar-me da escravidão dos pecados,
Para que seja livre para Te amar com todo o meu coração.
Que eu saiba que estou perdoado.
Que eu procure conhecer-Te e amar-Te ainda mais do que já te amo.
Que a minha alma se volte sempre para Ti e Te procure.
Que eu Te compreenda cada vez mais.
Senhor, obrigado pelo Teu grande amor e cuidado por mim.
Ajuda-me a experimentar na minha alma a liberdade,
Que só pode ser alcançada,
Quando coloco toda a minha confiança e fé em Vós.
Ámen

PENSA:

Aos nossos ouvidos, a palavra “liberdade” traz a uma vaga ideia de desentupimento. Qualquer coisa como tirar um fardo que nos pesa sobre o corpo, ou destrancar uma porta para podermos sair. Basta, portanto, pousar na ideia corrente de liberdade para talvez a estranharmos: então essa liberdade de que tanto se fala, que se diz ser o primeiro valor da vida, o segredo da felicidade, o que há de mais importante no mundo, é afinal uma negação, uma ausência, uma coisa tão inspiradora como um esganiçado e adolescente “não me chateiem”? O cristão pergunta-se: pode alguém viver pelo que não é?



Perante a estranheza, das três uma: ou ficamos com esta “liberdade”, que nos deixa bem com o mundo, ou largamo-la por ser incapaz de cumprir o que promete – isto é, dar sentido à vida -, ou tentamos redescobri-la. Continuar com a liberdade de hoje seria dizer que toda a decisão é boa porque o que interessa é decidir. Ou, para usar uma imagem bíblica, seria dizer que é indiferente um pai dar um pão ou uma pedra a um filho esfomeado, porque o importante é que tenha sido ele a decidir. A liberdade moderna é, então, só um meio, um instrumento, uma capacidade cega, mas que apesar disso leva honras de culto: é a idolatria do poder, em que o que interessa é *poder sempre alguma coisa*, seja ela o que for.

Por outro lado, largar a liberdade significaria, em prol do filho, impedir que o pai decida dar a pedra, o que o impede também de dar o pão, porque somos nós a decidir por ele. Significaria ainda que, porque não deixámos o pai escolher e assim conhecer os frutos da sua escolha, nada nos garante que não dê gravilha a trincar ao filho da próxima vez, quando ninguém estiver a olhar.

Por fim, redescobrir a ideia de liberdade seria qualquer coisa como dizer ao pai que a razão da sua paternidade é o sustento do filho e que, portanto, é importante que ele escolha, e que escolha bem – o pão -, e ainda que escolher mal – a pedra – seria perverter o seu poder e, com isso, perverter-se a si mesmo. Logo, redescobrir a liberdade não seria negar a importância da escolha, seria afirmar a importância da escolha certa, pelo bem de quem sofre a escolha e pelo bem de quem escolhe. Porque a escolha certa não só faz o bem, como faz quem a faz.



Noutro exemplo: eu escolher não roubar faz não só que alguém mantenha a carteira, mas também que eu não me torne num ladrão. Escolher bem evita que a escolha má se torne num hábito e que, assim, molde a disposição do meu coração, a forma da minha alma, o que eu sou mais intimamente: a minha identidade. Eis aqui um ponto essencial desta liberdade redescoberta: para o bem e para o mal, o decisor faz a decisão e a decisão faz o decisor.

A escolha, ou o poder de decisão sem coacção, serve então para abraçar o bem e rejeitar o mal, e este propósito é inseparável do poder em si. O arbítrio – esse meio que, rachado do resto, define a liberdade moderna – continua a importar, mas deixa de bastar. Redescobrir a liberdade é simplesmente completá-la, encaixá-la de novo na moldura que a explica. É dar o fim ao meio, o propósito ao poder, o sentido ao arbítrio. É trocar a liberdade truncada pela liberdade em Cristo, de que fala São Paulo (Gt, 5).

À luz da nossa Fé, isto significa que Deus nos deu a liberdade mesmo sabendo que esta, pelo pecado original, seria a causa de todo o mal no mundo. De facto, dá que pensar: Deus preza tanto a nossa liberdade que a prefere a um mundo sem mal. Mas como? Será Deus assim tão moderno que prefira o nosso arbítrio a, por exemplo, evitar o holocausto? Não: Deus prefere um mundo de homens livres a um mundo sem maldade ou pecado, sim, mas apenas porque a liberdade é condição da bondade e da virtude. Não é, por isso, verdade que Deus tenha querido mais fazer-nos livres do que bons; é, sim, verdade que Deus nos quis livres porque só assim podemos ser bons. Ele deu-nos a liberdade não para podermos escolher, mas porque sem ela não poderíamos escolhê-Lo.



É isto que o Senhor Jesus revela ao dizer que “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João, 18:38). O Senhor quer-nos livres, mas sabe que a liberdade completa implica conhecer a verdade, conhecê-Lo, porque Ele é o Bem em cuja escolha consiste a própria liberdade. Percebendo isto, percebemos o salmo que diz que “os preceitos do Senhor são rectos e alegram o coração” (Salmo 19). O nosso mundo rir-se-ia do salmista, porque não percebe como a limitação pode dar alegria, como pode a obediência a um mandamento contentar e não frustrar. O erro está em ignorar que os “preceitos do Senhor”, que o decálogo resume, mostram como escolher bem.

Ora, mostrando como escolher bem, o Senhor mostra-nos também como guardar domínio de nós mesmos, dos nossos apetites, o que é pressuposto de qualquer escolha. É preciso sublinhar isto, por talvez não ser intuitivo: a negação frequente daquilo que apetece é condição da verdadeira liberdade, porque só assim evitamos que os nossos apetites passem a decidir por nós. É que a escolha má, o pecado, se recorrente, agarra-se e deforma a nossa vontade à sua imagem. É o hábito mau, ou a predisposição para o mal a que a Igreja chama vício. Se, nas primeiras vezes que o fez, o ladrão ainda escolheu roubar, pela centésima ou milésima vez que vê uma carteira indefesa, é bem possível que o acto de roubar já se tenha metido de tal forma no seu carácter que se dê automaticamente, um reflexo que se deve já não tanto à decisão como à habituação.

Este é um dos podres escondidos daquela liberdade moderna: ao defender a escolha independentemente do seu conteúdo, esquece que o objecto da escolha errada, ao longo do tempo, pode cristalizar-se na alma de quem escolhe, criando um vício que vem a tirar a escolha em si. Sem se dar por isso, a liberdade incompleta degenera em escravidão.



Cada pessoa tem então de escolher entre as limitações que libertam e as limitações que escravizam. Na verdade, toda a gente se limita, porque toda a gente tem de escolher alguma coisa. Escolher implica limitar-se: escolho isto, limito-me a isso, abduco daquilo. Mas essa limitação, quando segue o desenho do Criador, esse que tudo anima, sustem e fecunda, torna-se libertação, porque na adesão obediente fazemos finalmente aquilo para que fomos feitos. Chegamos então a uma verdade evidente, que só muitos séculos de má filosofia puderam enublar: todas as criaturas têm um propósito, uma natureza própria, e cumprir esse propósito, viver de acordo com essa natureza, liberta e alegre.

Por isso se alegra o salmista ao cumprir os preceitos do Senhor, e por isso nos alegraremos nós se fizermos a Sua vontade. Como um martelo que, depois de anos de fracasso e amargura, descobre que afinal a sua cabeça não serve para pentear, mas para pregar.

APROFUNDA:

- Papa Francisco, Catequese sobre a Carta aos Gálatas 12. A liberdade se realiza na caridade, Audiência Geral de 20 de Outubro de 2021
- Catecismo da Igreja Católica, pontos 1730 e seguintes.
- D. Fulton Sheen, Freedom (video)

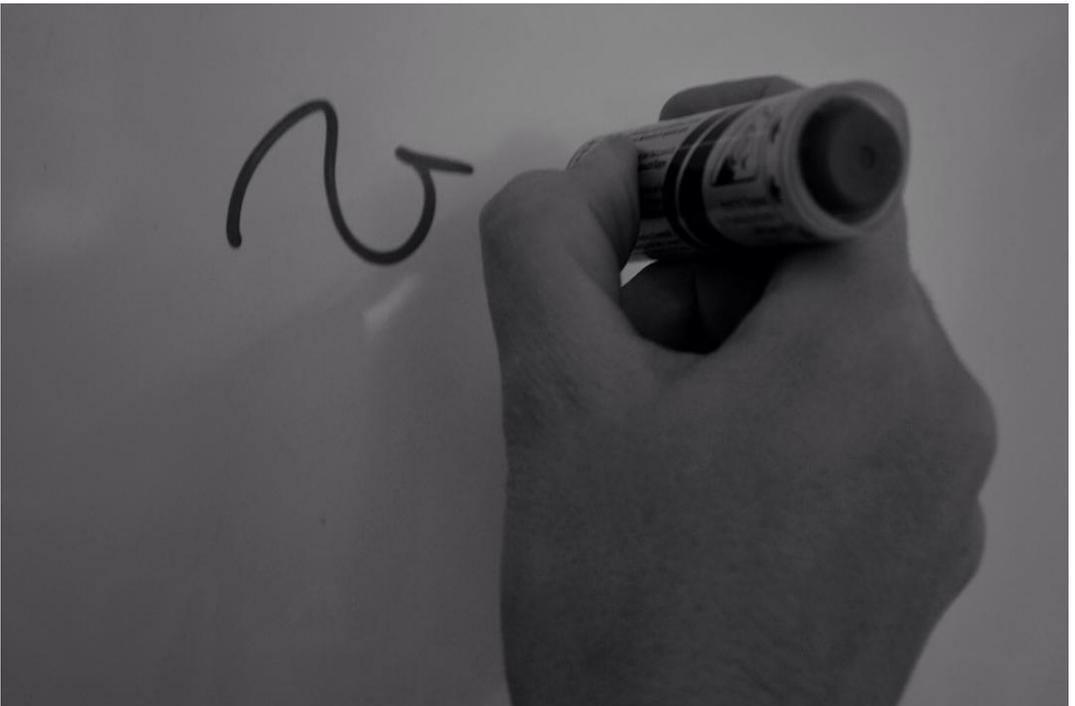
QUESTIONA:

- Na minha vida, de que formas me tentam vender a “liberdade moderna”, ou a ideia de que o mais importante é multiplicar o poder de escolha?
- Na forma como penso e ajo, vivo de acordo com essa liberdade incompleta, mesmo que em teoria discorde dela? Se sim, como?

JULHO

PENSO

**NO BALANÇO DO
ANO 2023/2024**



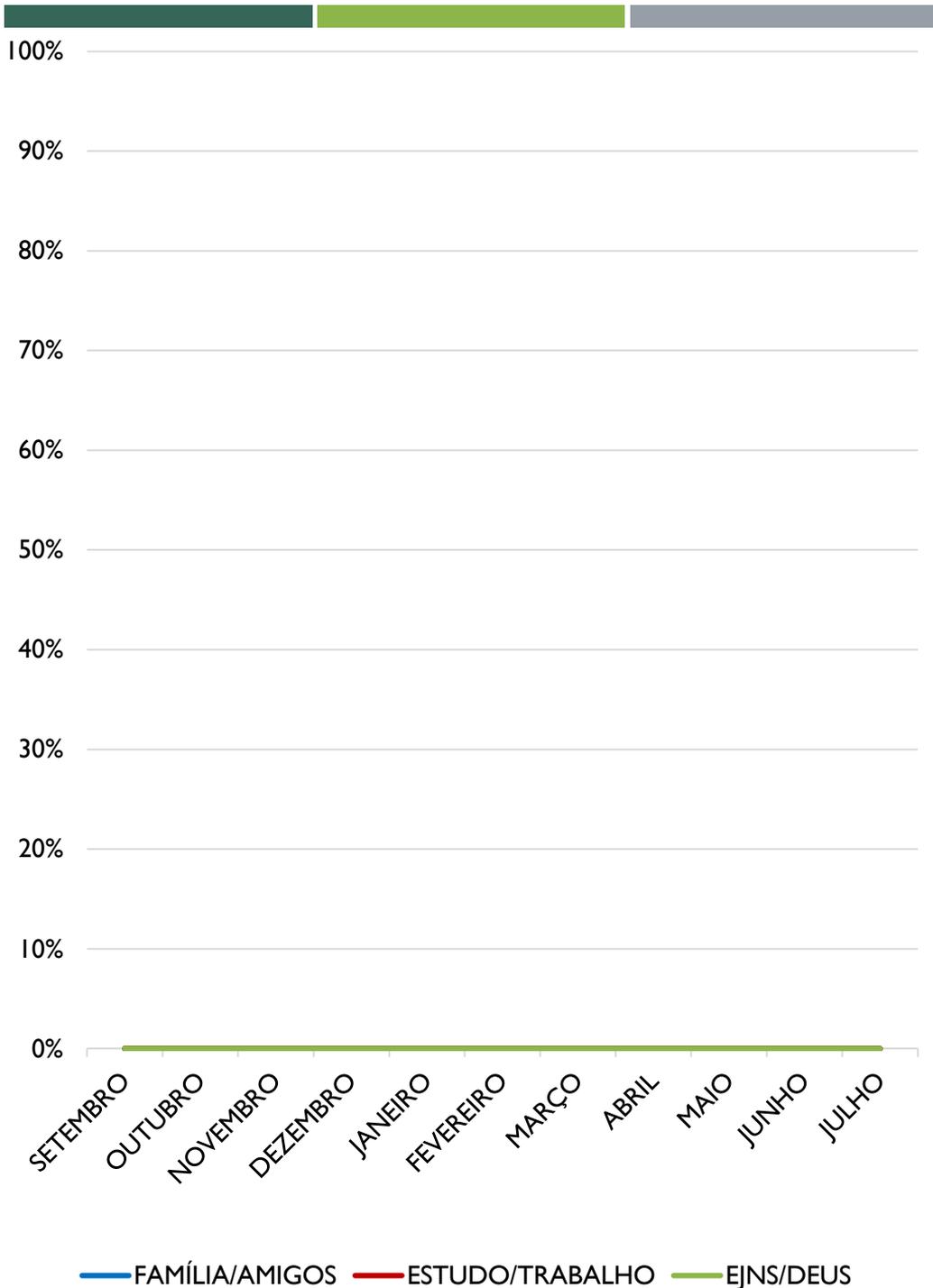


Com base numa carta escrita pelo padre Caffarel (fundador das ENS - equipas de casais):

“As Equipes de Nossa Senhora existem para aqueles que querem procurar a santidade. Não há balanço sem consciência clara desta meta, sem a convicção do compromisso assumido e sem um reconhecimento do valor e da eficácia dos instrumentos e pedagogia colocados pelo Movimento ao nosso serviço. É Deus quem nos chama à santidade e este mesmo Deus nos ama com um amor de infinita misericórdia. Ele conhece a nossa fragilidade e as dificuldades que temos em levar a cabo o que nós próprios decidimos fazer. Alegremo-nos com as conquistas que Deus nos permitiu e, ao mesmo tempo, retomemos corajosamente os esforços em direção aos objetivos ainda não plenamente alcançados, confiantes que Deus sempre estará connosco”.

“Se vocês quiserem encontrar-se com o Senhor, é preciso que se preparem para o encontro. Toda revisão de vida supõe o recolhimento. Ele deve originar-se na humildade da oração e da súplica e perfazer-se em ação de graças. Reveja, em primeiro lugar, a sua atitude e só depois a dos outros. Se dizemos: ‘estas reuniões não me dão nada’ é porque também não damos nada. Não venhamos à reunião para receber e sim para dar”.

Assim, sob a ótica do carisma do Movimento, o objetivo desta reunião é que cada um possa fazer uma avaliação sincera, à luz da vontade de Deus, do ano que se encerra. Para isso, olha para o gráfico que foste construindo ao longo dos meses, partilha o que concluíste dele e programa metas para o próximo ano.



AGRADECIMENTOS



Por amor às Equipas e à Igreja muitos dedicaram o seu tempo a escrever os temas deste Caderno: Pe Tiago Esteves, Rosarinho Rebordão, Vasco Almeida Ribeiro, José Maria Cortes, Filipe Avillez, Mafalda Oliveira Martins, Vanessa Machado, Teresa Gouveia, Afonso Guedes e João Valentim. Agradecemos profundamente todo o esforço e a coragem de aceitarem escrever estes textos, tão desafiantes de desenvolver, mas tão úteis e importantes!

Obrigado também ao Secretariado Nacional 2021/2023, especialmente ao Afonso Duarte, pela sua persistência no compromisso e na amizade como primeiro serviço.



As maravilhosas fotografias usadas neste caderno são da autoria da Carolina Ferreira.

Podes conhecer mais do seu talento, na página de instagram: [@seeyouinmovies](https://www.instagram.com/seeyouinmovies).

A ti, equipista, pedimos que rezes por todas estas pessoas e por todos os frutos deste Caderno. Alegra-te porque Cristo escolheu chegar até ti por meio dos “sim” que tantos souberam dar. Também Ele te chama todos os dias a dar a mesma resposta. Já pensaste bem em tudo? Então agora, não existas só,

VIVE, COM ELE, TUDO!

Tens algum comentário especial? Gostamos sempre de te ouvir!

Manda-nos uma mensagem para o email: espiritualidade@ejns.pt.



MAGNIFICAT

A minha alma glorifica o Senhor*

E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua Serva:*

De hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.

O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:*

Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração*

Sobre aqueles que o temem.

Manifestou o poder do seu braço*

E dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos*

E exaltou os humildes.

Aos famintos encheu de bens*

E aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo,*

Lembrado da sua misericórdia,

Como tinha prometido a nossos pais,*

A Abraão e à sua descendência para sempre

Glória ao Pai e ao Filho*

E ao Espírito Santo,

Como era no princípio,*

Agora e sempre. **Ámen.**